

### 3

## Por uma pedagogia da fé

*Nós podemos apenas consentir perder nossos sentimentos próprios para dar passo em nossa alma a este amor. Isso é negar-se a si mesmo. Nós somos criados apenas para esse consentimento.*

Simone Weill

### 3.1

#### A mistagogia como pedagogia da fé

O tema da pedagogia da fé nos situa diante dos diversos campos de ação evangelizadora<sup>1</sup> como também das muitas dimensões da evangelização, seja o anúncio da Palavra e seguimento de Jesus, seja a iniciação sacramental, a vivência comunitária e eclesial, o acompanhamento da Tradição e do Magistério da Igreja e o diálogo atento e fecundo com as culturas e com a realidade social. Em unidade com o Magistério da Igreja, podemos falar das muitas “tarefas” da evangelização<sup>2</sup>.

No entanto, compreendemos que, seja qual for o campo de atuação pastoral ou comunitária, há uma pedagogia própria que perpassa a ação evangelizadora. Uma pedagogia que se dá a partir de um diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como um “eco” desta autocomunicação divina, uma mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social<sup>3</sup>.

Perguntamo-nos, então, como se desenvolveu o processo de evangelização na caminhada inicial da Igreja. Teriam, os primeiros discípulos, na sua prática de anunciar a Boa Nova, uma pedagogia própria? Ao estruturar o catecumenato primitivo, os Padres da Igreja estavam atentos à dinâmica da Revelação?

---

<sup>1</sup> A ação evangelizadora se dá em muitos campos de atuação, como a comunidade paroquial, com suas diversas ações pastorais, iniciação e acompanhamento na vida sacramental, aprofundamento da fé, formação de agentes de evangelização, como também no campo da atividade educativa onde incluímos a catequese e a educação religiosa. Além dessa diversidade na missão evangelizadora, os diversos ministérios atuam como agentes segundo seu carisma e serviço à Igreja. Cf. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, op.cit., n. 66.

<sup>2</sup> Sobre o tema das muitas tarefas da evangelização ver SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório geral para a Catequese*, op. cit., n. 30. 52. 68. 84. 85; PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, op. cit., n. 66

<sup>3</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., n. 144.

Poderíamos encontrar na experiência fontal da Igreja dos primeiros séculos a orientação que buscamos para a ação evangelizadora hoje?

Buscando nas fontes mais antigas e primeiras da tradição eclesial, encontramos uma experiência da iniciação à fé cristã que nos auxiliará na compreensão dos caminhos e desafios da evangelização: é a experiência mistagógica, presente desde os primeiros tempos do Cristianismo e sistematizada, sobretudo no catecumenato dos séculos III e IV.

O termo mistagogia vem do grego *mystes*, que significa iniciado, e *agein*, que significa conduzir. Etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios, e, na iniciação cristã, para o Mistério que é “*Cristo em nós, esperança da glória*” (Cl 2,19)<sup>4</sup>. Na antiguidade cristã, o termo designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia<sup>5</sup>, assim como a configuração do neófito em um novo caminho, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida, feito nova criatura.

Naquele momento do catecumenato primitivo, a mistagogia era considerada como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã.

A catequese mistagógica orientava-se à instrução dos neófitos, como um percurso de introdução à fé, incluindo o catecumenato e a instrução batismal<sup>6</sup>. Contudo, é importante observar que, para os Padres da Igreja, na categoria de neófitos estão não apenas os recém batizados, mas todos os fiéis. Esta abrangência tem por base a compreensão de que a graça da fé e a conversão pessoal ao seguimento de Jesus pertencem a uma dinâmica que percorre toda a vida, o que faz com que durante toda a vida sejamos neófitos<sup>7</sup>.

Em consonância com a experiência catecumenal da Igreja dos primórdios, Rahner afirma que a mistagogia deve estar presente em todo o processo de evangelização, pois é ela que orienta para que esta tarefa não se detenha na doutrinação, no ensino, numa concepção errônea, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do pregador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera

<sup>4</sup> Cf. TABORDA, F., *Nas fontes da vida cristã*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 32.

<sup>5</sup> Cf. LA BROSSE, O. HENRY, A. e ROLLARV, P., (dir.), *Dicionário de Termos da Fé*, Aparecida, Santuário e Porto, Editorial Perpétuo Socorro, original francês de 1989.

<sup>6</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, n. 88.

<sup>7</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 26.

que o anúncio feito pelo pregador, na verdade, levanta questões que o iniciante traz em seu íntimo.

Tal mistagogia encontra seu ponto de partida na convicção cristã de que, antes de toda e qualquer pregação, Deus, pelo oferecimento de sua participação no Espírito Santo, já é *a* pergunta e *a* resposta (ao mesmo tempo) no homem, mesmo que tal resposta permaneça não pronunciada<sup>8</sup>.

Sendo assim, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nessa perspectiva, a comunidade cristã assume a responsabilidade de ser mediadora da Revelação, iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante assim como durante sua formação e acompanhamento. O catecumenato primitivo será estruturado e configurado em decorrência desse fundamento teológico.

Uma das características marcantes que deriva desta fundamentação na dinâmica da Revelação é a percepção do catecumenato enquanto um processo, um caminho a ser percorrido, tanto da parte da organização, estrutura e planejamento, como na trajetória pessoal e intransferível de cada iniciante. Respeita, portanto, a fé em sua dinâmica de diálogo e abertura da vida para o projeto que irrompe no íntimo da existência da pessoa humana.

Galilea nos aponta para esse dinamismo próprio da fé considerando que chega-se a ela normalmente recorrendo a um itinerário que culmina em conversões e se realiza por amadurecimentos progressivos, por vezes muito lentos. Itinerário que tem um valor e uma consistência própria na pastoral<sup>9</sup>. Uma percepção que redimensiona o acolhimento e o acompanhamento dos iniciantes, assim como o agir do evangelizador e toda a estrutura catecumental, conduzindo a uma atitude que une o pedagógico e o pastoral, a educação da fé e a abertura ao Mistério vivo e fecundo da experiência do Deus cristão.

Enfim, podemos dizer que a mistagogia instaura uma pedagogia própria e especial na evangelização, inspirada na pedagogia divina, atuando desde o momento da acolhida, como durante todo o processo de acompanhamento de uma

---

<sup>8</sup> RAHNER, K., *O desafio de ser cristão*, op. cit., p. 48, grifo do autor.

<sup>9</sup> Cf. GALILEA, S., op. cit., p. 96.

pessoa que adere à fé cristã. É a pedagogia da fé com todos os elementos que esse processo implica: iniciação à fé, aprimoramento da oração, acolhida do Espírito, discernimento, conversão, experiência de vida nova e inserção numa comunidade cristã. Coloca-nos diante de uma perspectiva na qual o desafio maior da evangelização não é iniciar alguém no caminho cristão, mas acompanhar essa pessoa ao longo de sua trajetória<sup>10</sup>.

A mistagogia vem a ser, portanto, um carisma no âmbito da Igreja, que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e Fé, como também o processo pedagógico da Revelação na história da salvação. Esta concepção patrística continua a ser fonte de luz para a evangelização atual e para a própria catequese de iniciação<sup>11</sup>.

Vejamos agora quais as constantes da evangelização presentes no anúncio apostólico e determinado pelos Padres da Igreja dos séculos III e IV.

### 3.1.1

#### Constantes da evangelização

Na dinâmica da Revelação de Deus na história podemos perceber algumas constantes da ação salvífica no relacionamento de Deus com seu povo. Estas são indicadoras da presença da pedagogia de Deus na dinâmica da Revelação e que sempre orientaram a Igreja no processo de evangelização<sup>12</sup>. Apresentaremos aqui estes princípios fundamentais, a fim de tê-los presentes ao analisarmos a pedagogia de Jesus, a evangelização apostólica e o catecumenato primitivo.

Um dos indicadores presentes neste processo é o tema da **iniciativa gratuita de Deus**. Podemos afirmar que essa é a constante mais radical e fundamental no anúncio e na educação da fé<sup>13</sup>. A iniciativa de Deus é gratuita, não

<sup>10</sup> MURAD, A. e MAÇANEIRO, M., *A Espiritualidade como caminho e mistério*, São Paulo: Loyola, 1999, p. 97.

<sup>11</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., n. 89.

<sup>12</sup> Cf. *A Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*, op. cit.; HIPÓLITO DE ROMA, op. cit.; AGOSTINHO, *A instrução dos catecúmenos*, op. cit.; FUENTES PATRÍSTICAS, *Irineo de Lion, Demonstración de la Predicación Apostolica*, op. cit.; CONCÍLIO VATICANO II, *Dei Verbum*, op. cit.; PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, op. cit.; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Catequético Geral*, op. cit., e *Diretório Geral para a Catequese*, op. cit.; *Catecismo da Igreja Católica*, op. cit.; JOÃO PAULO II, *Catechese Tradendae*, op. cit.

<sup>13</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 152.

se ajusta aos méritos humanos, como também não obriga ninguém contra a sua liberdade a aceitar o projeto de Deus. Tudo é graça. Deus revela-se a si mesmo, na sua autocomunicação, num diálogo salvador com a humanidade. Jesus age com esta mesma pedagogia: aproxima-se das pessoas em sua realidade concreta, mas por iniciativa própria. A pedagogia divina é a pedagogia do dom, é a pedagogia da gratuidade, da graça salvífica oferecida<sup>14</sup>.

O segundo indicador que desejamos pontuar na dinâmica da Revelação de Deus na história é a **dimensão de encarnação nos acontecimentos históricos**. Deus oferece sua Revelação tornando-se presente nos acontecimentos históricos e aí é escutado pela pessoa humana. Esta proximidade divino-humana tem sua manifestação plena na encarnação do Filho de Deus, o qual compartilha em tudo nossa condição humana, menos no pecado (Hb 4,15). A pedagogia da encarnação será o caminho pelo qual o Deus uno e trino tornará acessível o mistério central da salvação – Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição – e nele, o mistério trinitário<sup>15</sup>.

O terceiro indicador presente nesta dinâmica consiste na **autocomunicação divina** que fala mediada pelos fatos, sinais, palavras e gestos, que prenunciam o invisível no visível, em toda a Criação. É a **pedagogia dos sinais**. Os acontecimentos que fundam a história da salvação são sinais de uma presença que está além deles mesmos e que transcende o ser humano: a presença do Deus invisível. Esta pedagogia divina está presente em toda a História da Salvação e continua sua presença vivificante na própria Igreja, nos sinais sacramentais e na liturgia, como em tantos sinais da ação salvífica presentes na dinâmica eclesial e na dinâmica existencial.

Nesse processo de evangelização queremos demarcar mais algumas constantes, que estiveram presentes na experiência apostólica e permanecem na formação cristã: o anúncio querigmático - *Jesus é o Senhor!*; a conversão, como consequência e processo do momento anterior; e o dom do Espírito na história<sup>16</sup>.

Estas constantes de evangelização que serviram como pontos comuns de referência no anúncio apostólico e na Igreja nascente podem ser restabelecidas

---

<sup>14</sup> Cf. MIRANDA, M. F., *Libertados para a práxis da justiça*, São Paulo: Loyola, 1980, p. 45; LIBANIO, J. B., *Teologia da Revelação a partir da modernidade* op. cit., pp. 163-193.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Cf. LOPES, J., Catecumenato, in *Dicionário de Espiritualidade*, FIORES, S. G. T. (org.), São Paulo: Paulus, 1998, p. 100.

hoje como linhas básicas desse processo, dentro de uma pluralidade de circunstâncias, métodos e instrumentos. Seja qual for o momento histórico em que acontece a evangelização, ela está vinculada indissolivelmente a estas constantes que a fundamentam, constituem e configuram.

A primeira e a mais importante de todas é o **anúncio de que “Jesus é o Senhor!”** (Fl 2,11) É Jesus quem age na história como Senhor. Este é o grande acontecimento: Jesus é o Senhor da história, igual a Deus. (Lc 24,34; At 2,36) A partir da vida, morte e ressurreição de Jesus o futuro do homem e do mundo ganha um novo sentido, todo o universo ganha consistência e a humanidade recebe a certeza-esperança da vitória sobre todos os sinais de morte e desolação (At 3,13-18; 1Cor 15, 20-27; Fl 2,6-11). A salvação não é apenas promessa, mas já é fato, desde o momento em que Cristo, ao ser levantado, começa a atrair todos para si<sup>17</sup>. (Jo 12,32)

O anúncio cristológico contém uma série de elementos fundamentais na dinâmica da evangelização. É Jesus quem nos revela o Pai e sua relação misericordiosa com seus filhos e filhas. É também na encarnação do Filho que conhecemos o dom do Espírito. Jesus revela o plano salvífico em todos os seus gestos e palavras e, através da própria vida, orienta toda a Criação para sua realização plena. Conhecer Jesus é conhecer o sentido mais profundo da Criação e os caminhos para a realização pessoal e de toda a humanidade<sup>18</sup>.

A segunda constante na evangelização apostólica tem relação direta e torna-se conseqüência da primeira: reconhecer Jesus como Senhor da história supõe **uma mudança profunda na visão de mundo, de pessoa humana, nas perspectivas pessoais e sociais, nas orientações que dão sentido à própria vida**. No processo de evangelização a pregação não se dá como mera aquisição de conhecimentos, mas em virtude da mudança de vida, do seguimento de Jesus, do processo de conversão. Esse processo não se impõe à liberdade humana, mas também não depende exclusivamente do esforço humano. A conversão é anunciada gratuitamente na vida pessoal e na história. A salvação já está entre

<sup>17</sup> Sobre esse tema ver RAHNER, K., op. cit., 1989, pp. 215-336; RUBIO, A. G., *Encontro com Jesus Cristo Vivo*, São Paulo, Paulinas, 1994, pp. 112-115; pp. 129-137; SCHNEIDER, T., (org.) *Manual de Dogmática*, vol. 1, Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 244-248 e pp. 267-269.

<sup>18</sup> Cf. RAHNER, K., *Curso Fundamental da fé*, op. cit., pp. 245-247.

nós, é dom gratuito. Já aconteceu na pessoa de Jesus Cristo, e aí está a Boa Nova<sup>19</sup>.

O processo de conversão configura a pessoa como um novo ser, uma nova criatura (2 Cor 5,17), reorganiza a hierarquia de valores, modifica atitudes cotidianas e projetos pessoais e comunitários. Em suma, o seguimento de Jesus torna-se resposta concreta, a cada passo da trajetória humana. Sendo assim, esta nova criatura torna-se nova também para aqueles que a rodeiam, para sua comunidade, para o mundo. Torna-se testemunho vivo da vida nova que brota de seu agir e de suas orientações<sup>20</sup>. O seguidor de Jesus é também testemunha da fé no Senhor ressuscitado. É um novo evangelizador, convocando outras pessoas para a experiência de fé, para a abertura à graça salvífica que lhe é oferecida por Deus<sup>21</sup>.

Uma terceira e última constante na evangelização apostólica que gostaríamos de retomar nesta reflexão é o **anúncio do dom do Espírito**. Jesus Cristo promete a vinda do Espírito que dará testemunho de si (Jo 15,26), que estará sempre com a comunidade (Jo 14,16-17), a conduzirá até a verdade plena (Jo 14,26; 16, 12-15), recordará e fará compreender todas as coisas (Jo 15,26; 16,7-11). É pela ação do Espírito que se torna possível reconhecer Jesus como Senhor, e é dela que brotam os frutos pascais na comunidade, na sua nova organização como fonte de ensinamento, de comunhão, de celebração e de oração, e, finalmente, na missão e testemunho apostólico no mundo.

Apresentamos brevemente as constantes da evangelização apostólica a fim de servirem de embasamento e orientação para nossa pesquisa. Deter-nos-emos agora um pouco mais na atitude evangelizadora do próprio Jesus. “Das suas palavras, sinais e obras, ao longo de toda a sua breve mas intensa vida, os discípulos fizeram a experiência direta das diretrizes fundamentais da pedagogia de Jesus, indicando-as, depois, nos Evangelhos”<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Sobre esse tema ver MIRANDA, M. F., *Libertados para a práxis da justiça*, São Paulo: Loyola, 1980; SCHNEIDER, T., (org.) *Manual de Dogmática*, vol. 2, Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 39-48.

<sup>20</sup> Cf. VELASCO, J. M., op. cit., 1996, p. 84.

<sup>21</sup> Cf. LOPES, J., op. cit., p. 102.

### 3.1.1.1

#### Jesus, o primeiro mistagogo

Para considerar Jesus como o primeiro mistagogo partimos de duas dimensões presentes no conceito mesmo de mistagogia. Primeiramente, a dimensão etimológica já aqui apresentada, enquanto iniciação ao Mistério e acompanhamento daquele que está sendo introduzido nesse caminho. Por outro lado, a dimensão da experiência mística como elemento fundamental para a relação com o Mistério que se revela, com o Deus que é relação com cada pessoa e com seu povo. Essa segunda dimensão, deve estar presente, em primeiro lugar, naquele que orienta a experiência da fé, sendo testemunho vivo do projeto que anuncia.

Olhando para Jesus de Nazaré encontramos essa dupla dimensão tanto na sua personalidade como na forma de se relacionar com as pessoas e de anunciar o projeto do Reino. Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Através de suas atitudes e ensinamentos, é o mestre e educador por excelência, entregue à missão de anunciar para todos a possibilidade do homem novo, que vive como filho de Deus, irmão de todos, admirador e co-criador da natureza e de uma sociedade nova, com as características do Reino de Deus, em que se promove a vida, a fraternidade, a paz e o amor<sup>23</sup>.

Na Igreja do segundo século encontramos a compreensão de Jesus como pedagogo, com Clemente de Alexandria<sup>24</sup>, o dirigente da escola catequética daquela cidade<sup>25</sup>. Em sua obra *Paedagogus* Clemente dialoga com a cultura grega, no que concerne à concepção de educação da paideia<sup>26</sup> helênica. Nesse diálogo,

---

<sup>22</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, op. cit., n. 144; Cf. PAULO VI, op. cit., n. 7-13.

<sup>23</sup> Cf. CNBB, *Educação, Igreja e Sociedade*, doc. 47, n. 84-87, São Paulo: Paulinas, 1992.

<sup>24</sup> Tito Flávio Clemente é possivelmente originário de Atenas, nascido por volta de 150. Depois de se converter, viajou pela Itália, Síria, Palestina e se estabeleceu em Alexandria, tornando-se aluno de Panteno. Sucedeu o mestre como professor depois do ano 200. Durante a perseguição de Sétimo Severo saiu do Egito e foi para a Ásia Menor, onde morreu antes de 215. Suas obras: Exortação aos gentios, O Pedagogo, Seleções (stromata). Clemente atribui uma espécie de caráter sobrenatural à filosofia grega. Procurou fazer uma síntese entre a fé e a filosofia. Cf. BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H., *História da Igreja*, vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964, pp. 185-186.

<sup>25</sup> Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., *A catequese na vida da Igreja*, São Paulo: Paulinas, 1998, p. 27.

<sup>26</sup> Torna-se tarefa impossível tentar apresentar em poucas linhas o conceito de paideia devido à sua complexidade e amplitude. Werner Jaeger dedica uma obra inteira a essa investigação histórica que abrange toda a Grécia Antiga, de Homero e Hesíodo a Platão. Trata-se das bases da formação



mostra Cristo como “o educador” da humanidade. Emprega a palavra “pedagogo” para Cristo, no sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidagogia*, quando definia a relação de Deus com o mundo desse modo: Deus é o pedagogo do mundo inteiro, *ho theos paidadogei ton kosmon*<sup>27</sup>.

O conceito de pedagogo foi inicialmente voltado para os escravos que acompanhavam os jovens à escola e, desta, para casa. Esta concepção, vigente na Grécia por muitos séculos, aponta para uma atividade que inclui autoridade e responsabilidade na orientação prática e filosófica que prepara para a sabedoria de viver. A transformação do significado e categoria da palavra ‘*paidagogia*’ foi a consequência necessária da dignidade filosófica e teológica a que Platão elevava o conceito de paideia. Para Platão, a paideia significa não apenas a educação da criança, mas sobretudo a formação e o desenvolvimento da pessoa humana em plenitude<sup>28</sup>. E foi esta dignidade teológica inspirada no pensamento de Platão que possibilitou a Clemente introduzir Cristo como o *Paedagogus* de todos os homens<sup>29</sup>.

Encontramos nesta obra indicadores de que a reflexão teológica que vê em Jesus as características de mestre e educador já se encontrava na ação evangelizadora, o que poderia ter levado Clemente a identificar em Jesus as características do pedagogo grego. No entanto, Clemente não coloca Jesus como um dentre os pedagogos da filosofia grega, mas como “o pedagogo”, “o educador” por excelência, modelo e referência para a escola catequética.

Jesus é mestre e educador do homem e da mulher novos e da nova sociedade. Vem resgatar o projeto do Pai e revelá-lo de forma clara e total, repondo-o a todos os homens como expressão do infinito amor e misericórdia de Deus. Leva-o à plena realização através de sua vida, paixão, morte e ressurreição. Com isto estabeleceu, da parte de Deus Uno e Trino, uma nova

---

do homem grego e do processo espiritual através do qual os gregos procuraram elaborar o seu ideal de humanidade, apresentado por Jaeger como fundamento indispensável para todo o conhecimento ou intento de educação atual. Mais adiante, nesta pequena pesquisa, abordaremos o tema da paideia ao tratarmos dos princípios pedagógicos presentes na ação evangelizadora dos séculos III e IV d. C. Para aprofundar o tema ver JAEGER, W., *Paideia. A formação do homem grego*, trad. Artur M. Parreira; adaptação para a edição brasileira Mônica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza, 3<sup>a</sup>. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>27</sup> Cf. JAEGER, W., *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961, p. 89, citando Platão, *Leis* x.897b.

<sup>28</sup> Cf. WITTSCHIER, S., *Antropologia y teologia para una educación cristiana responsable*, Santander: Sal Terrae, 1979, p. 56.

<sup>29</sup> Cf. JAEGER, W., *op. cit.*, pp. 84-85.

aliança com toda a humanidade, firmada no seu próprio sangue. Faz a todos o convite e apelo de acolher esta Boa Nova, de vivenciá-la e difundi-la pelo mundo inteiro.

As narrativas presentes nos Evangelhos oferecem características da pedagogia de Jesus que estão presentes na sua forma de anunciar o Reino e de agir frente às diversas situações que se lhe apresentavam.

O acolhimento do outro, em particular do pobre, da criança, do pecador, como pessoa amada e querida por Deus; o anúncio genuíno do Reino de Deus como Boa Nova da verdade e da consolação do Pai; um estilo de amor delicado e forte, que livra do mal e promove a vida; o convite premente a uma conduta amparada pela fé em Deus, pela esperança no Reino e pela caridade para com o próximo; o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como o faziam os profetas bíblicos<sup>30</sup>.

A pedagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal, pela escuta atenta da realidade pessoal e conhecimento profundo do contexto em que a pessoa está inserida. Cada diálogo, cada escolha simbólica, cada palavra, aparece adequada ao contexto e ao grupo humano com o qual se encontra<sup>31</sup>.

Dessa maneira, encontramos palavras, gestos e sinais diferentes para os diferentes grupos com os quais Jesus se relaciona. Com os discípulos, Jesus propõe o confronto com a realidade e suas interpelações, aprofunda a interpretação das parábolas, dá orientações firmes para a missão, se relaciona com intimidade. Ao povo mais simples Jesus conta histórias, fala por meio de parábolas, e utiliza elementos da cultura rural. Com os diversos grupos judaicos<sup>32</sup> Jesus propõe uma releitura de seus conhecimentos e imagens de Deus que vai interpelar sua prática<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese*, op. cit., p. 140.

<sup>31</sup> Cf. PAULO VI, op. cit., p. 12.

<sup>32</sup> A situação histórica do tempo de Jesus o coloca diante de diversos grupos presentes na sociedade judaica, sejam, a classe aristocrática, leiga e sacerdotal; o grupo dos escribas e fariseus; o grupo religioso dos essênios; os grupos ligados ao movimento zelota e aos herodianos; os samaritanos. Frente a cada grupo Jesus se posiciona e se serve de diferentes mediações no anúncio do projeto do Reino e de sua exigência de conversão e mudança de vida. Sobre esse tema ver ECHEGARAY, H., *A prática de Jesus*, Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 49-109; MATEOS, J. e CAMACHO, F., *Jesus e a sociedade de seu tempo*, São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 17-42; RUBIO, A. G., *Encontro com Jesus Cristo Vivo*, op. cit., 1994, pp. 53-65; FABRIS, R., *Jesus de Nazaré, história e interpretação*, São Paulo: Loyola, 1988, pp. 73-78.

<sup>33</sup> Cf. WENZEL, J. I., *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, São Paulo: Loyola, 1997, pp. 77-79.

Jesus também tem critérios e medidas. Avalia a conveniência e a situação para sua forma de agir e de se comunicar. Como exemplo, vejamos no evangelho de Marcos como Jesus diferencia momentos de formação em que ensina a toda a gente (Mc 4,2.33; 5, 15.34) de outros em que fala particularmente aos discípulos (Mc 4,10.34; 6,30-32)<sup>34</sup>. Jesus não só ensina, mas ajuda os discípulos e o povo a terem uma chave de compreensão da própria existência à luz de Deus e de seu Reino. Jesus é a Revelação dinâmica do rosto de Deus e de sua ação no mundo. Sonda as dificuldades, percebe os conceitos formados, acompanha o processo de discernimento, faz pensar, deixa perguntas no ar, desequilibra os ouvintes. Mesmo o não-entendimento é oportunidade para nova aprendizagem<sup>35</sup>(Mc 7,17-19).

No entanto, apesar de percebermos essa adequação de linguagem e de mediações no anúncio do Reino, há um eixo comum que perpassa sua mensagem e sua proposta: o seguimento. Longe de se configurar como uma aprendizagem intelectual ou uma doutrina fixa, o seguimento de Jesus é atitude vital para aqueles que aderem à sua pessoa e mensagem. Comporta uma mística e uma prática, a partir do próprio Jesus<sup>36</sup>, ou seja uma espiritualidade que motiva e anima o cristão a orientar suas ações e atitudes de acordo com o seguimento de Jesus, tanto na vida pessoal, como na missão de testemunhar e anunciar Jesus ao mundo.

Em relação à dimensão mística da experiência religiosa, Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, é aquele que melhor a compreendeu e viveu e, por isso mesmo, nos revelou o rosto do Pai e Seu projeto de amor. Assim também, aprender com Jesus o tempo necessário para que a experiência mística seja introjetada, internalizada, vivida profundamente, respeitando as características pessoais, seu mundo, sua história, sua cultura, sua linguagem, é aprender a maestria da Revelação divina e conhecer seu projeto de amor para cada um de nós. É também penetrar cuidadosamente na sabedoria divina para caminhar passo a passo, como criança nas mãos do Pai, em direção ao Reino.

Esta trajetória dialogal e processual com o rosto do Pai e seu projeto de amor configura uma nova criatura, um novo homem, uma nova mulher. A mistagogia presente na ação missionária de Jesus advém de uma profunda

---

<sup>34</sup>Cf. Ibid., p. 79.

<sup>35</sup> Cf. MURAD A. e MAÇANEIRO, M., op. cit., p. 44.

<sup>36</sup> Cf. Ibid., p. 15.

intimidade com o Pai, de um diálogo atento e fecundo consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo. Em consonância com essa experiência mística, Jesus convoca e conduz ao Mistério que ele mesmo vivencia radicalmente. Seleciona mediações para cada ouvinte com a sensibilidade, o amor e a misericórdia de quem respeita o processo da experiência de fé que se dá para cada pessoa e comunidade. Faz-se presença, orientação, perdão e impulso firme e exigente na direção da Boa Nova que vem anunciar.

A partir dessas considerações podemos melhor compreender a questão feita sobre Jesus em Mt 13,54 - “*de onde lhe vem este saber?*”<sup>37</sup>. A autoridade, o “saber” que Jesus revela, é saber mistagógico, fruto da relação profunda de Jesus com o Pai, consigo mesmo e com seus irmãos e irmãs nos mais diversos grupos e situações que se apresentavam. Cientes dessa dinâmica presente na ação pedagógica de Jesus é possível dizer que a mistagogia tem uma orientação, uma meta: que aquele que está sendo iniciado atinja essa experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo<sup>38</sup>.

Esta mesma perspectiva será orientadora da prática evangelizadora apostólica. Depois da ressurreição de Jesus, o anúncio e o seguimento passam a significar atitudes vitais daqueles que professam Jesus Cristo como Senhor e Mestre. Anunciar o *kerigma*, falar ao mundo sobre a novidade que Jesus de Nazaré traz à humanidade, como Senhor e Mestre, inaugurando um novo jeito de viver e anunciando o evento salvífico que a todos reúne e orienta para a realização plena da Criação é o núcleo mais fundamental da fé cristã, é o coração mesmo do que conhecemos como evangelização: anunciar o Evangelho, a Boa Nova<sup>39</sup>.

### 3.1.1.2

#### A evangelização apostólica

“O *kerigma* pascal que dá origem à comunidade de fé, a Igreja, resulta da experiência dos discípulos em seu encontro com o Ressuscitado, experiência de fé

<sup>37</sup> BINGEMER, M.C.L., Saber, sabor e sabedoria, in BUARQUE, C. et al., *Fé, Política e Cultura*, São Paulo: Paulinas, p. 84.

<sup>38</sup> Cf. WITTSCHIER, S., op. cit., 129-130; BOSCH, D. J., *Missão transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, pp. 60-61.

<sup>39</sup> Cf. RAHNER, K., *Curso Fundamental da Fé*, op. cit., p. 524ss.

que muda radicalmente suas vidas”<sup>40</sup>. O anúncio querigmático veio acompanhado pelo testemunho dos discípulos, os primeiros a anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo. O testemunho é percebido através da adesão pessoal ao Evangelho, que se reflete nas atitudes, na postura existencial, na experiência de fé que se faz realidade. Por isso, com base na experiência de fé, aquele que anuncia e testemunha também convoca para a mesma experiência. Trata-se da comunicação da Boa Nova de Jesus pela qual se pode conhecer a Deus e possibilitar a experiência fundamental do Cristianismo: o amor ao próximo.

Ao falarmos da evangelização apostólica, estamos entrando no momento primeiro e fundante do Cristianismo, caracterizado fortemente pela obra do Espírito Santo, que suscita e vivifica a comunidade nascente, age nela e por ela. A mensagem que os discípulos transmitem não é outra senão a mensagem do próprio Jesus. É a Igreja nascente definindo sua ação evangelizadora como continuação da obra de Jesus Cristo<sup>41</sup>. É o momento teológico mais forte para o anúncio querigmático<sup>42</sup>.

A Igreja dos primeiros séculos é missionária porque vive a experiência forte e revolucionária do mistério pascal, e não pode fazer outra coisa a não ser transmiti-lo como novidade e alegria: “*O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram... nós vo-lo anunciamos...*”. (cf. 1Jo 1,1-3) Nesse sentido, podemos dizer que o mais importante fator de difusão do Cristianismo das origens foi o contato pessoal, o Evangelho transmitido de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade. “Cada batizado era, para seu ambiente, uma testemunha”<sup>43</sup>.

O Livro dos Atos procura assegurar às primeiras comunidades cristãs a autenticidade do anúncio, mostrando que há uma continuidade entre o testemunho dos missionários e Jesus Cristo: “sereis *minhas* testemunhas” (At 1,8)<sup>44</sup>. Dessa forma, a evangelização define sua ação e missão no mundo como seguimento do mandato missionário de Jesus Cristo.

Esta teologia torna-se normativa e fontal, orientadora e fundamental para a prática evangelizadora de todos os tempos e situações. Ali encontramos a

---

<sup>40</sup> TABORDA, F., op. cit., p. 60.

<sup>41</sup> Cf. LIMA, M. L. C., *Igreja em Missão*, Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Paz, 2002, 33.

<sup>42</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., p. 85.

<sup>43</sup> PADOVESE, L., op. cit., p. 184.

<sup>44</sup> Cf. LIMA, M. L. C., op. cit., p. 33, grifo da autora.

dinâmica da Revelação vivida sob o impulso das expectativas, das resistências e dos desafios do ambiente de vida em que a comunidade experimenta os primeiros passos e interpelações ao Cristianismo diante do cotidiano e do mundo. É uma teologia que nasce no seio vivo de uma comunidade a caminho e, no entanto, sob o impulso renovador e transformador de todas as estruturas: a Ressurreição de Jesus Cristo<sup>45</sup>.

A evangelização apostólica é marcada pela pregação, pela expressão oral, já que as primeiras comunidades ainda não possuíam os textos que vieram a configurar o Novo Testamento. Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, esta evangelização se iniciou com o primeiro discurso de Pedro no dia de Pentecostes (At 2,14-36) e se desenvolveu na medida em que o Cristianismo progredia em extensão e profundidade. “Os discípulos testemunharão primeiro em Jerusalém e, a partir daí, no restante da Judéia, na Samaria, até os confins da terra. O livro dos Atos mostra a progressão deste testemunho e, assim, a expansão do Evangelho, a partir de Jerusalém, a todas as extremidades da terra”<sup>46</sup>.

Nos textos do Novo Testamento, encontramos vários termos que designavam o ato de evangelizar: evangelistas, proclamadores da Boa Nova, doutores, mestres, todos indicando pessoas agraciadas pelo Espírito Santo com o dom do ensinamento (At 21,8; 8,5ss; Ef 4,11; 2 Tm 4,5; Rm 12,7; 1 Cor 12,8).

E como era a evangelização apostólica? O que podemos conhecer hoje de seu conteúdo, método, diversidade de grupos, formas de linguagem?

Os discursos relatados no livro dos Atos dos Apóstolos nos permitem reconstruir as grandes linhas teológicas que orientavam a evangelização apostólica:

O conteúdo da pregação concentra-se na pessoa de Jesus Cristo. Sua vida, sua história, seu agir no povo de Israel, fala de sua paixão, morte e ressurreição. Apresenta-o como aquele que fora anunciado no Antigo Testamento. As promessas antigas têm nele a sua realização. (At 2,22-36.38-39; 3,12-36; 10,34-43; 13, 16-41). Evidencia-se que o Antigo Testamento já dava testemunho de Jesus e que, portanto, nele se cumpre a História da Salvação<sup>47</sup>.

<sup>45</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., p. 85.

<sup>46</sup> LIMA, M. L. C., op. cit., p. 31.

<sup>47</sup> Idem, pp. 58-59.

Com base nesse conteúdo foi construído o Símbolo Apostólico<sup>48</sup>, para citarmos um exemplo. O mesmo vale para a *Didaqué*<sup>49</sup>, que traz as linhas da evangelização dos apóstolos no que diz respeito à moral e verdades dogmáticas<sup>50</sup>.

Quanto ao método utilizado, de acordo com os relatos presentes no livro dos Atos dos Apóstolos, vale ressaltar a ênfase na fé cristã como caminho. (cf. At 9,2; 18,25-26) Essa maneira de anunciar a fé cristã aponta para uma perspectiva de “entrada em uma nova e definitiva via de salvação”<sup>51</sup>, orientada pela Boa Nova do Evangelho de Jesus Cristo, e acompanhada como um processo de conhecimento, aprofundamento e conversão. Era nessa perspectiva de caminhada que aqueles que se convertiam recebiam o Batismo e, nele, o dom do Espírito Santo<sup>52</sup>.

Ainda pautados por essa dinâmica de evangelização os recém convertidos eram acolhidos na comunidade cristã onde prosseguiram na formação, na doutrina dos Apóstolos, no aprofundamento da fé, na vivência da caridade fraterna e muitos passavam a ser novos anunciadores da Palavra, novos evangelizadores e missionários<sup>53</sup>.

Um outro aspecto que nos chama a atenção diz respeito à diferença dos grupos de ouvintes: judeus, samaritanos e gentios. Sabemos que o conteúdo dos discursos e pregações possuía matizes diferentes. Para os judeus era essencial uma alusão ao Antigo Testamento, sobretudo às profecias, para demonstrar sua realização em Cristo. Ao se dirigirem aos judeus helenizados, empregavam formas gregas da literatura e do discurso<sup>54</sup>. Para os gentios, importava abater o obstáculo do paganismo e anunciar a fé num Deus Criador e Redentor. Os

<sup>48</sup> O termo “símbolo apostólico” designa a confissão de fé, o credo, um resumo preciso dos conteúdos essenciais da fé cristã, que tem sua origem na doutrina e no testemunho apostólico. Mais adiante veremos a sua formação e significado para o catecumenato na Igreja nascente.

<sup>49</sup> A *Didaqué* ou *Doutrina dos Apóstolos* é um testemunho literário da transmissão do depósito da fé, escrito entre 60 e 90 d.C., uma espécie de manual de religião da comunidade cristã primitiva. Ao que parece, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Essa antiguidade explica porque algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico. Esse documento tem por base a doutrina dos Apóstolos, não no sentido de doutrinação, mas no de prática cristã, de caminho, de vida cristã. Apesar de ter sido redigido nos primórdios do Cristianismo, sua mensagem é válida para os dias de hoje. Cf. *Didaqué* ou *Doutrina dos Apóstolos*, op. cit.; FOLCH GOMES, C., *Antologia dos Santos Padres*, São Paulo: Paulinas, 1979, pp. 29-32; Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A., *Patrologia*, São Paulo: Paulinas, 1972, pp. 89-92.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> LIMA, M. L. C., op. cit., pp. 63-64.

<sup>52</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 36.

<sup>53</sup> Cf. LIMA, M. L. C., loc. cit.

<sup>54</sup> Cf. JAEGER, W., *Cristianismo primitivo e paideia grega*, 1961, p. 23.

apóstolos também evangelizavam em cidades e grupos que não conheciam a fé em Jesus Cristo, e necessitavam de um processo de iniciação e fundamentação na nova fé. Além disso prosseguiram na formação de grupos de pessoas já iniciadas.

No início, Pedro, como os outros apóstolos, prega somente aos judeus. Mas é ele que, logo mais, abre aos pagãos o caminho do Evangelho: na assembléia dos apóstolos em Jerusalém, momento importante na expansão do Evangelho, em que os pagãos são admitidos sem precisarem submeter-se às práticas judaicas, Pedro tem uma palavra decisiva. (At 15,7) Paulo é missionário porque Deus tem um plano de salvação que quer ver realizar-se. Paulo dirige-se sobretudo ao mundo fora da Palestina: o Evangelho se dilata sempre mais (At 20,24)<sup>55</sup>.

Até mesmo na escolha dos espaços adequados à evangelização podemos encontrar o zelo pedagógico presente nesta evangelização. Para citarmos um exemplo, aos judeus e prosélitos de Atenas, Paulo ensinava na sinagoga, mas quando se dirigia aos gentios, visando o mundo grego clássico, pregava no Areópago<sup>56</sup>.

A diferença dos grupos também provocava a adequação de conteúdos e de linguagem, principiando com os fundamentos da evangelização e avançando para um trabalho mais amplo e aprofundado. Podemos perceber que Paulo faz um discernimento com relação a esse cuidado missionário, ao distinguir entre plantar e regar, entre lançar os fundamentos e construir o edifício (cf. 1 Cor 3,6-10)<sup>57</sup>.

Com estas simples e significativas características da evangelização apostólica desejamos confirmar a atividade evangelizadora e missionária e encontrar ânimo e coragem para, diante dos desafios atuais, darmos continuidade ao testemunho dos tempos apostólicos. Prosseguimos dedicando-nos ao núcleo dessa pesquisa, qual seja, o catecumenato primitivo, em particular a experiência dos séculos III e IV.

---

<sup>55</sup> Cf. LIMA, M. L. C., op. cit., pp. 45-46.

<sup>56</sup> O Papa João Paulo II refere-se ao discurso de Paulo no Areópago de Atenas como um modelo de inculturação, válido para a atualidade. Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência sobre a Peregrinação Jubilar seguindo os passos de Paulo*, 2001, disponível em : [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii), acesso em 10 jan. 2003.

<sup>57</sup> Neste aspecto convém lembrar o papel aglutinador desempenhado pelo helenismo no Império, ao conseguir irmanar povos de diferentes raças, religiões e estruturas políticas e sociais.



## 3.2

### O Catecumenato primitivo

Até aqui viemos trabalhando o tema da evangelização em uma perspectiva ampla, abrangendo os seus diversos campos de atuação, ou seja, a iniciação sacramental, as atividades pastorais, a educação religiosa e a reflexão teológica. Compreendemos que o testemunho e o anúncio estão inter-relacionados na dinâmica da Revelação cristã e que, portanto, pertence à razão mesma do ser cristão a missão de difundir o Evangelho de Jesus Cristo. Dedicar-nos-emos agora a um determinado campo da atividade evangelizadora que conhecemos como catecumenato. Não pretendemos trazer uma abordagem exaustiva devido aos limites deste trabalho, mas conhecer o conceito e a organização do catecumenato na Igreja nascente a fim de nos embasar para a análise da experiência da catequese mistagógica dos séculos III e IV.

A Igreja nascente, seguindo a trajetória da evangelização apostólica, dedicava grande cuidado à iniciação à fé cristã e seguimento de Jesus. A atividade que se iniciou com a pregação missionária passou por um processo de organização e de estruturação e veio a se tornar uma instituição eclesial, denominada catecumenato<sup>58</sup>.

O cristianismo primitivo passa a empregar o termo específico *katecheo*,<sup>59</sup> que significa, basicamente, ensinar de “viva voz” sobre a ação salvífica de Deus. Segundo esta concepção, o ensinamento catequético é como um eco, o ressoar da Palavra de Deus mediante a voz do catequista. Na verdade, a catequese era tida como a transmissão viva do depósito de fé da Igreja aos novos membros que a ela se agregavam<sup>60</sup>. O catecúmeno seria aquele que está sendo iniciado nessa “escuta”, não de uma palavra qualquer, mas da Palavra de Deus<sup>61</sup>.

---

Entretanto, esse processo não ocorrera em todos os lugares com a mesma intensidade e resultados. Sobre esse tema ver PADOVESE, L., op. cit., pp. 151-165.

<sup>58</sup> Os primeiros testemunhos sobre a instituição do catecumenato encontram-se no século II. Contudo, se estrutura no século III, com a herança do processo de evangelização recebido pela missão apostólica e também pela missão do próprio Jesus. Cf. LOPES, J., op. cit., 100; Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 42.

<sup>59</sup> O conceito de *katechéō* apresenta no Novo Testamento os primeiros esboços do significado específico que obterá enquanto instrução cristã na fé. Cf. Rm 2,18; 1Cor 14,19; Gl 6,6.

<sup>60</sup> Cf. SANTANA, L. F. R., *Batizados no Espírito, A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*, São José dos Campos: COMDEUS, 2000, p. 14.

<sup>61</sup> Cf. LOPES, J., op. cit., p. 99.

Essa designação era especialmente utilizada para o ensinamento ministrado em preparação aos sacramentos da fé. Não se tratava apenas de preparação para o Batismo, em resposta a uma necessidade concreta de preparar aqueles que desejavam tornar-se cristãos, mas também de instrução e aprofundamento da fé. “Quando a Tradição viva da fé se alarga, a comunidade se vê impelida a melhor preparar aqueles que se convertem, antes de lhes conferir o batismo”<sup>62</sup>.

O catecumenato tem início na metade do século II, como uma preparação adequada a fim de promover desde seu início uma vida cristã responsável e madura e, por outro lado, como fundamentação aos que ingressavam na fé cristã em um momento em que as perseguições exigiam convicção e firmeza no testemunho da fé. No século seguinte, a experiência catecumenal estaria presente em todas as comunidades eclesiais, ocupando todos os espaços geográficos da Igreja, no Oriente e no Ocidente. Não se trata, portanto, de um fenômeno localizado, mas de uma prática pastoral amplamente difundida em toda a Igreja<sup>63</sup>.

O catecumenato delineava-se como uma instituição ao mesmo tempo litúrgica e catequética<sup>64</sup>. Em seu planejamento constava a instrução na doutrina dos Apóstolos, a formação da pessoa através de ritos, orações, prática da fraternidade e a formação em vista da superação de situações que não condiziam com a fé cristã<sup>65</sup>.

A estrutura do catecumenato nasce enquanto continuidade à práxis das comunidades apostólicas e de um esforço pastoral que vai amadurecendo aos poucos. Esta estrutura comporta a preocupação inicial de preparar bem os candidatos aos sacramentos da iniciação cristã<sup>66</sup> – Batismo, Crisma e Eucaristia -, a exortação ao discernimento comunitário quando da entrada de novos candidatos e à consciência do significado de ser cristão, a exigência da conversão e da coerência de vida<sup>67</sup>.

---

<sup>62</sup> LIMA JÚNIOR, J., *Evangelização, catequese e liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 44.

<sup>63</sup> Ibid.

<sup>64</sup> Consideramos aqui a importância fundamental da dimensão litúrgica no catecumenato primitivo, no entanto, não nos dedicaremos à sua análise no âmbito deste trabalho, pois exigiria uma pesquisa específica e extensa sobre esse tema.

<sup>65</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

<sup>66</sup> Até alcançar a estrutura catecumenal presente na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, o catecumenato vive etapas anteriores cujos traços encontramos nas *Apologias* de Justino, como também na *Didaqué* e no *Pastor de Hermas* e nas obras de Irineu de Lyon. Cf. HIPÓLITO DE ROMA, op. cit.; BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H., op. cit., pp. 172-194.

<sup>67</sup> Cf. LIMA JÚNIOR, J., op. cit., pp. 46-47.

Enfim, no Cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não foi entendido como o resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa, como uma reação automática ao anúncio evangélico e à formação catecumental, e sim como fruto de um processo lento, gradual, marcado pela experiência dialogal da Revelação na vida pessoal e comunitária, chamado de iniciação cristã.

Dando continuidade à análise do catecumenato na Igreja primitiva, buscaremos situar o contexto histórico e eclesial em que ele surge e se desenvolve no período dos séculos III e IV.

### 3.2.1

#### A Igreja dos séculos III e IV

Os primeiros séculos do Cristianismo são marcados por uma extraordinária expansão advinda da atividade missionária, da motivação para propagar a fé cristã em todo o mundo. No final do século II, o quadro geográfico do Cristianismo é bastante extenso. Ao lado de novas comunidades nas regiões da Palestina, Síria, Chipre, em toda a Ásia Menor, na Grécia, em Roma, em Alexandria, Ilíria, Dalmácia, Gália e Espanha, o Cristianismo se estabelece na Síria Oriental, Mesopotâmia, Egito, Itália do Sul, Gália, Germânia, Espanha e, sobretudo na África do Norte, nas regiões em torno de Cartago<sup>68</sup>, como Numísia, Mauritânia e África proconsular, atualmente Tunísia, Argélia, Marrocos, Líbia<sup>69</sup>.

No início do século IV o que se observa é a organização das comunidades cristãs já estabelecidas. A Igreja de Alexandria, no Egito, ganha influência no vale do Nilo e no norte da Arábia. Na Síria, os sínodos e a escola teológica de Antioquia se tornam fonte de expansão e de missões que se estendem até a Armênia, a Mesopotâmia e a Pérsia. A Ásia Menor e a África também estão sob o influxo do movimento missionário cristão. Em Roma o crescimento da Igreja é cada vez maior, principalmente na Itália central<sup>70</sup>.

Se por um lado a Igreja cresce e se desenvolve, por outro experimenta uma época de incertezas para o movimento cristão ainda recente, constantemente

---

<sup>68</sup> Por volta de 235, um concílio reúne uma centena de bispos em torno de Cipriano, bispo de Cartago. Cf. PIERRARD, P., *História da Igreja*, São Paulo: Paulinas, 1982, p. 26.

<sup>69</sup> Cf. HOORNAERT, E., *A memória do povo cristão*, Petrópolis: Vozes, 1986, p. 76.

ameaçado por perseguições e heresias. A Igreja se vê pressionada pelos desafios lançados tanto por seus críticos pagãos como por seus dissidentes cristãos e pseudo-cristãos, e sente-se mais e mais compelida a explicitar sua fé em termos claros e convincentes.

Entre os grandes desafios<sup>71</sup> com os quais a Igreja se defronta neste período está o nascimento do pensamento gnóstico. A gnose<sup>72</sup>, uma espécie de conhecimento superior, adquirido de modo direto, intuitivo, que buscava respostas para todos os problemas que angustiam a pessoa humana, se desenvolve nos primeiros séculos. Alguns princípios em comum estão presentes nas diversas correntes do pensamento gnóstico: a maldade da matéria e da carne, a infelicidade do homem, prisioneiro do seu próprio corpo, a existência de uma alma inferior e manchada pelo pecado e de uma alma superior, celestial. Em suma, um dualismo firmado no distanciamento radical entre estas duas dimensões.

Esse modo de conhecimento entra em conflito com as verdades da fé cristã e, por outro lado, atrai muitas pessoas na busca de respostas para as grandes questões existenciais. Muitas seitas gnósticas se professavam cristãs, e no entanto, suas crenças divergiam radicalmente dos princípios que orientavam a fé cristã da Igreja nascente.

No século II, período mais florescente do gnosticismo, emergem alguns dos grandes representantes da Tradição eclesiástica que refutam o pensamento gnóstico: Irineu de Lião e Meliton de Sardes, na Ásia Menor; na África, Tertuliano; em Alexandria, Clemente; na Síria, Teófilo Antioqueno; na Palestina, Justino<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> Ibid., p. 77.

<sup>71</sup> Entre os séculos II e IV, a Igreja se vê diante de correntes religiosas que se esforçam para exercer uma espécie de sedução sobre os homens de seu tempo: a gnose, sob formas diversas, e as religiões de Mistério. Ao mesmo tempo que tais correntes ganhavam adeptos, no interior da Igreja surgiam as doutrinas antitrinitárias. A doutrina sustentada por Ario, sacerdote da Igreja de Alexandria, escandaliza com posições cristológicas de que Cristo não é verdadeiramente Deus. Cf. JEDIN, H., *Manual de Historia de la Iglesia*, Barcelona: Herder, 1966, 369-380; FIGUEIREDO, F., Introdução, in CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas*, Petrópolis, Vozes: 1977, pp. 10-11.

<sup>72</sup> O termo gnosticismo é derivado do termo grego *gnôsis*, que significa conhecimento revelado. O movimento surgiu a partir das filosofias pagãs anteriores ao Cristianismo, que floresciam na Babilônia, Egito, Síria e Grécia (Macedônia). Algumas evidências sugerem que uma forma incipiente de gnosticismo surgiu na era apostólica e foi o tema de várias epístolas do Novo Testamento no combate a essas heresias (I João; epístolas pastorais). A maior polêmica contra os gnósticos apareceu, entretanto, no período patrístico, com os escritos apologeticos de Irineu (130-200), Tertuliano (160-225) e Hipólito (170-236). Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A., op. cit., pp. 119-141 e pp. 156-178.

<sup>73</sup> Cf. FUENTES PATRÍSTICAS, op. cit., p. 17.

Irineu de Lião é o primeiro teólogo que refuta o pensamento gnóstico. Seus escritos são uma resposta direta, motivada por considerações pastorais e práticas, ao sério desafio e ameaça representados pelo gnosticismo. Portanto, ele se dirige a outros líderes cristãos a fim de ajudá-los a proteger os seus rebanhos de ensinamentos que pervertiam seriamente o Evangelho. Irineu concede absoluta prioridade à Tradição apostólica, atendo-se à doutrina da Revelação cristã sem entrar no campo da especulação racional sobre o mistério de Deus<sup>74</sup>. Segundo E. Hoornaert, para Irineu o importante não são as Escrituras em si, mas a fé testemunhada nas Escrituras, ou seja, ele não prioriza a discussão dos textos sagrados, mas a prática de sua mensagem, em ações de caridade e justiça.

A verdade não é fruto de elucubrações teóricas, mas sim de um contato com o evento Jesus, através da Tradição Apostólica, isto é, através da memória fiel dos apóstolos, bispos, presbíteros e doutores. Assim a Igreja verdadeira se fundamenta na prática da vida dos apóstolos. A Tradição Apostólica é uma prática, uma maneira de agir<sup>75</sup>.

Irineu se insere numa longa tradição de defesa corajosa da fé cristã contra as heresias, iniciada pelos autores do Novo Testamento, e que teve prosseguimento com os Padres Apostólicos e os Apologistas<sup>76</sup>. Nos seus esforços intelectuais, foi imediatamente seguido pelos grandes pensadores do terceiro século, muito especialmente Tertuliano e Orígenes.

Em Cartago, é Tertuliano<sup>77</sup> quem exige dos cristãos um rigorismo moral a fim de que não compactuem com os desvios do paganismo. Contra os hereges,

<sup>74</sup> Ibid., p. 33.

<sup>75</sup> Cf. HOORNAERT, E., op. cit., p. 68.

<sup>76</sup> Os escritos dos Padres Apostólicos são geralmente orientados no sentido de edificação e de instrução e são a fonte mais antiga depois dos escritos neotestamentários. Estão entre eles a *Didaquê*, *Doutrina dos Doze Apóstolos*, de autor desconhecido; a *Epístola de Barnabé*, atribuída ao apóstolo Barnabé, colaborador de Paulo; a *Carta de Clemente de Roma*; os *escritos de Inácio de Antioquia*; a *carta de Policarpo de Esmirna* e os *escritos do bispo Papias*. A literatura apologética visa defender a religião cristã dos escritos do paganismo e heresias. Podemos citar, a *apologia de Marciano Aristides*, filósofo cristão de Atenas; as *obras de Justino*, principal apologista do século II; os *trabalhos de Taciano*, discípulo de Justino; e ainda *Atenágoras*, filósofo de Atenas, *Teófilo*, bispo de Antioquia, Aristides com sua *Epístola a Diogneto*, o *Pastor de Hermas*, as *obras de Irineu de Lião* e o *cânon Muratoriano*. Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 28.

<sup>77</sup> Nascido em Cartago, por volta de 160, aos 40 anos se converteu ao cristianismo em Roma. Foi nomeado presbítero de Cartago, onde se dedicou à apologia da sua fé e ortodoxia contra os pagãos e hereges. Ao longo dos anos, se converteu em um dos maiores inimigos dos hereges e também campeão da ortodoxia. Entretanto, terminou por se unir a um dos movimentos que a Igreja considerava herético. Continuou produzindo obras e fórmulas teológicas que seriam de grande importância no futuro da Igreja. Foi o primeiro teólogo cristão que escreveu em língua latina, língua comum na metade ocidental do Império e, portanto, seu pensamento influenciou notavelmente

Tertuliano ensina que a Igreja é quem pode possuir legitimamente a fé, cabendo apenas a ela a reta interpretação das Escrituras, à luz da Tradição. Quem determina as verdades da fé é a doutrina conservada nas Igrejas apostólicas. E ainda adverte que não adianta discutir com os hereges usando as Escrituras, pois distorcem a Palavra de Deus. Frente à filosofia pagã sua atitude é essencialmente negativa, afirmando que a especulação filosófica só é útil enquanto concorda com o Evangelho. Ele acredita na possibilidade de uma demonstração racional da existência de Deus e da imortalidade da alma.

É Tertuliano quem escreve a primeira exposição completa sobre o sacramento do batismo, o “Tratado do Batismo”, em torno dos anos 205-206. Nesse trabalho se trata a iniciação batismal como única entrada na fé cristã mediante um tempo de formação, onde se vai consolidando e se verificando a conversão<sup>78</sup>.

Em Alexandria estamos no centro do helenismo cristão. Na África latina a fé se orienta para a ação; no Egito cresce uma cultura refinada, uma literatura especulativa que atinge pontos culminantes, desembocando em uma síntese da filosofia grega com o espírito evangélico. Clemente de Alexandria quer demonstrar a concordância entre a sabedoria antiga e o Evangelho e, para isso, multiplica-se em analogias entre os relatos bíblicos e os poemas de Hesíodo e Homero. No entanto, suas aproximações acabam se afastando muito da identidade judeu-cristã tão defendida por Tertuliano.

Ainda no segundo século, em Alexandria, Panteno, filósofo estóico convertido ao Cristianismo, começa uma escola teológica e catequética<sup>79</sup>. Até aquele momento não havia nascido a instituição do catecumenato, mas os costumes e o vocabulário já manifestavam a existência de uma formação catecumenal. Depois de Panteno vieram Clemente, Orígenes, Atanásio e Cirilo de Jerusalém como os representantes mais significativos da instituição do catecumenato.

---

sobre toda a teologia ocidental. Cf. PIERRARD, P., op. cit., 36; Cf. BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H., op. cit., pp. 194-198.

<sup>78</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., 143; Cf. LOPES, J., op. cit., p. 105.

<sup>79</sup> Cf. BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H., op. cit., p. 185.

Orígenes<sup>80</sup> toma contato com a apologética cristã quando trabalha como catequista em Alexandria. Estuda filosofia neoplatônica a fim de melhor defender os princípios cristãos e dirige um estabelecimento de estudos onde todos os conhecimentos humanos eram recapitulados à luz do Evangelho, a Didascália. Nasce a primeira escola especificamente cristã, que buscava um estudo próprio, uma epistemologia do pensamento cristão, abarcando tanto a Revelação cristã como a cultura antiga e oferecendo ao Cristianismo um universo intelectual próprio e autônomo<sup>81</sup>.

Ao tratar da iniciação cristã, Orígenes fala de uma conversão radical, de uma mudança real de vida. Em sua obra “Contra Celso”, encontramos pormenores sobre a estrutura da catequese e a organização do catecumenato. Nesse trabalho distinguem-se três etapas catecumenais: a provação pré-catecumenal, a provação catecumenal e a provação penitencial pós-batismal. Aparece ali uma distinção entre os catecúmenos das duas primeiras etapas, como ouvintes, e da última etapa, como eleitos<sup>82</sup>.

Ao longo do século III, uma grande crise econômica e política se instaura no Império Romano. Contudo, enquanto este agoniza lentamente, a Igreja cresce cada vez mais. Encontram-se cristãos na Britânia e na Espanha, no Egito e no Danúbio, na Ásia Menor, nas costas gregas, na Trácia, na Macedônia, nas cidades costeiras da Síria.

A passagem para o século IV é caracterizada pela luta contra as heresias, entre elas, a doutrina ariana<sup>83</sup>. Concílios e sínodos, fórmulas de fé e condenações estão presentes caracterizando um período tenso e confuso para os fiéis. Neste contexto se destacam a ousadia, a seriedade e a profundidade teológica de

---

<sup>80</sup> Orígenes nasceu em 185, em Alexandria, filho do mestre cristão e depois mártir Leônidas, com a idade de 18 anos foi nomeado pelo bispo Demétrio mestre na Escola catequética e sucessor de Clemente. Foi o escritor teólogo mais fecundo da época pré-nicena. Exerceu influência sobre a história do pensamento e do ensinamento cristão no Oriente grego. Antes e depois de sua morte, em 253, foi condenado como herege pelo imperador Justiniano em 543 e, dez anos depois, pelo sínodo de Constantinopla de 553, com o consentimento de toda a Igreja. Só mais tarde a Igreja reconhece sua inestimável contribuição teológica e herança literária. Cf. BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H., op. cit., pp. 187-189.

<sup>81</sup> Cf. HOORNAERT, E., op. cit., p. 134.

<sup>82</sup> Cf. LOPES, J., op. cit., p. 106; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 43.

<sup>83</sup> Esta doutrina recebeu o nome de arianismo por ter sido criada pelo religioso egípcio Ário. É considerada como heresia cristã por negar a divindade suprema de Jesus Cristo. Segundo esta doutrina herética, o Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, não tinha a mesma essência do Pai, sendo uma divindade de segunda ordem já que nascera mortal. Cf. GRANADO, C., Padres antioquenos, in PIKASA, X. e SILANES, N., (dir), *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, São Paulo: Paulus, 1988, p. 43.

Atanásio, Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno, João Crisóstomo e Cirilo de Alexandria.

Tantas divergências doutrinárias e heresias exigem a consolidação dos dogmas cristãos e convergem para a realização dos primeiros concílios ecumênicos. O primeiro concílio ecumênico realizou-se em Nicéia, no ano de 325, convocado pelo imperador Constantino, onde se proclama, contra o arianismo, a divindade do Filho e sua consubstancialidade com o Pai. Coube a Teodósio I reunir o segundo concílio ecumênico, no ano de 381, na cidade de Constantinopla, com a participação apenas dos bispos orientais<sup>84</sup>. Neste concílio foi redigido um Credo completo adicionando ao Símbolo dos Apóstolos as definições teológicas do Concílio de Nicéia<sup>85</sup>. É o Símbolo Niceno-Constantinopolitano, usado nas missas oficiais e cantado em latim.

Surgem também as escolas catequéticas de Antioquia, que começam no princípio do século IV e chegam ao seu período de maior esplendor na segunda metade deste século: Edesa, Cesaréia de Capadócia, Milão e outras relacionadas com os primeiros grandes monastérios. Estas instituições seguem os conselhos de Basílio de Cesaréia e de Jerônimo e procuram compreender com espírito cristão a herança cultural grega.

Tendo iniciado esta breve apresentação do contexto social e eclesial da Igreja nos séculos III e IV, vejamos como o catecumenato se organiza enquanto instituição, se estrutura e alcança uma fecundidade pastoral e catequético-litúrgica que nos inspira a uma melhor compreensão e desenvolvimento do mesmo catecumenato em nossos dias.

### 3.2.2

#### **Catecumenato em processo**

O catecumenato cristão deve ser compreendido enquanto processo de iniciação. Na perspectiva antropológica, o conceito de “iniciação” assinala o processo de aprendizagem ou de introdução progressiva no conhecimento de uma

---

<sup>84</sup> Para aprofundar o tema ver Cf. CURA ELENA, S., Concílios, in PIKAZA, X e SILANES, N.(dir.), op. cit., pp. 168-173.

<sup>85</sup> Ibid., p. 169.



teoria ou doutrina, ou de uma prática. Além disso, é processo de socialização pelo qual o iniciante assimila existencialmente as crenças, normas, valores, comportamentos, atitudes e ritos de um determinado grupo social<sup>86</sup>.

Inicialmente voltada para a exigência de uma preparação adequada àqueles que aderiam ao Cristianismo, o catecumenato visava o processo de conversão, desde a mudança de pensar, sentir e agir em ordem à nova vida de fé, esperança e caridade que se conhecia e abraçava, como também a obediência à Igreja e a participação nos sacramentos.

Segundo o mais antigo testemunho dos Padres da Igreja, uma vez tendo sido proclamado o *kerigma*, a tarefa mais urgente e imediata da comunidade cristã era a de preparar os futuros crentes, através de um conjunto de instruções essenciais que ampliasse e aprofundasse, ao mesmo tempo, os elementos semeados ao longo do anúncio da Pessoa de Jesus<sup>87</sup>.

Já vimos que a catequese patrística colocava-se num caminho de continuidade com a evangelização apostólica e que viveu um processo de organização em vista dos desafios pastorais e do contexto histórico em que se situava. A partir do terceiro século, o processo educativo-comunitário em preparação ao Batismo se mostra mais exigente e já está estruturado em suas grandes linhas, sobretudo no que diz respeito à preparação para a celebração sacramental<sup>88</sup>. No entanto, esta estrutura ganha corpo e culminância no quarto século, quando a Igreja vive um momento histórico excepcional, de expansão e de crescimento, atraindo um grande número de adeptos desejosos de receber o sacramento do Batismo e, por outro lado, necessita consolidar a formação de seus mais novos fiéis frente às interpelações trazidas pela diversidade cultural e pelas interpretações teológicas que se contrapunham às orientações da Igreja<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., pp. 43-44.

<sup>87</sup> SANTANA, L.F. op. cit., p. 14.

<sup>88</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

<sup>89</sup> Este momento histórico que constitui o império cristão é conhecido como a “virada constantiniana”. Após a conversão do Imperador Constantino, o Edito de Milão possibilita que a religião cristã se torne uma religião oficial de unanimidade. O Cristianismo já havia se estendido por todo o Império Romano, suas províncias orientais, como também fora dos limites do império. Para o Império esta relação resulta em uma nova forma de legitimação da ordem vigente, sacralizando-a e contando com a Igreja para garantir a hegemonia do sistema. “A Igreja, de perseguida, tornou-se ‘triunfante’. Se por um lado se dava a instrumentalização da Igreja, por outro, a Igreja se tornava a força político-ideológica mais importante do império, depois do Estado”. A alteração constantiniana conduz a um aumento daqueles que pedem para entrar no catecumenato, com motivações não piedosas, mas a fim de conquistar a simpatia dos poderosos e os favores decorrentes. Assim, o catecumenato entra em um período muito diferente, e vive um

Como documento que atesta a sistematização do catecumenato no século III, temos a Tradição Apostólica, de Hipólito de Roma. Contudo, será no século seguinte que encontraremos os principais documentos sobre o catecumenato, contendo orientações quanto aos conteúdos e métodos, como também para a dimensão litúrgica e comunitária indissolivelmente presentes naquela visão de catequese. Os principais documentos que refletem tal práxis são: As Catequeses, de Cirilo de Jerusalém; as Homilias Catequéticas, de Teodoro de Mopsuéstia; as Catequeses batismais, de João Crisóstomo; os Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios, de Ambrosio; os Discursos Catequéticos, de Gregório de Nissa e A Instrução dos Catecúmenos, de Agostinho<sup>90</sup>.

Em suas grandes linhas, podemos observar que a formação propriamente catecumenal se realizava mediante a catequese bíblica, centrada na narração de História da salvação; a preparação imediata ao Batismo, por meio da catequese doutrinal, que explicava o Símbolo Apostólico e o Pai Nosso, recém entregues, com suas implicações morais; e a etapa que sucedia os sacramentos de iniciação, mediante a catequese mistagógica, que ajudava a interiorizar tais sacramentos e a incorporar-se na comunidade.

Como podemos verificar, na concepção patrística a iniciação cristã tem sua origem na iniciativa divina e supõe a decisão livre da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro, pela graça do Espírito, e se torna participante da comunidade de fé, a Igreja. Por outro lado, o catecumenato não era reduzido a um simples processo de ensinamentos e de formação doutrinal, mas considerado como uma realidade que implica toda a pessoa e configura sua vida de maneira nova e definitiva, em comunhão com os ensinamentos recebidos, com a vida da Igreja e como testemunho vivo da fé que professa. Essa concepção patrística continua a ser uma fonte de luz para o Catecumenato atual e para a própria catequese de iniciação.

---

momento de decadência com relação à conversão ao Evangelho e à mudança de vida. Também multiplica-se o batismo de crianças, o que, pouco a pouco, limita ainda mais o caminho catecumenal. Cf. COSTA, R. F., As Cruzadas, in BINGEMER, M.C.L., (org.), *Violência e Religião*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 139; GOMES, F. J. S., A Igreja e o Poder: representações e discursos, in RIBEIRO, M.B., (org.) *A vida na Idade Média*, Brasília, UNB, 1997, p. 33; BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 40-47

<sup>90</sup> Cf. LOPES, J., op. cit., p. 106; Cf. SANTANA, L. F., op. cit., p. 15; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 50.

Na obra de Hipólito de Roma, a Tradição Apostólica, escrita por volta de 215, distinguem-se dois estágios dentro do catecumenato: a preparação remota ao Batismo, que consiste na entrada e permanência no catecumenato por três anos, e a preparação próxima, que se inicia com a admissão ao Batismo, onde os candidatos passam a ser eleitos, escolhidos<sup>91</sup>. Ainda nesta obra podemos observar alguns fatores que definem a orientação dada ao catecumenato.

1. Como primeiro ponto, destacamos o rigor das exigências evangélicas tomadas como condição para a admissão no catecumenato e o ingresso efetivo na comunidade.
2. O segundo ponto é a participação de todos os membros da Igreja local, a começar pelos leigos, no exame, na preparação e no acompanhamento dos candidatos.
3. Como terceiro ponto, observamos o compromisso firmado nas renúncias a Satanás, não como um ritual vazio de sentido, ou dirigido a um mal personificado, e sim como renúncia a ocasiões de pecar e a costumes pecaminosos, a tudo o que afasta o cristão de uma conversão real. As renúncias orientam para um novo tipo de relação humana e social<sup>92</sup>.
4. A preparação prolongada (3 anos) permitia acompanhar e verificar o processo de conversão dos neófitos. Em uma época onde o sincretismo estava bastante presente, a Igreja se dedicava à formação de cristãos autênticos e convictos da fé que professavam. A conversão se visibiliza na práxis do neófito, no testemunho de uma vida coerente com as exigências evangélicas. O estilo de vida e até mesmo a profissão devem ser condizentes com a prática do evangelho, testemunho diante de todos<sup>93</sup>.

É importante observarmos que este período de preparação não era inflexível, e sim condicionado ao processo de formação e de conversão do neófito. A orientação de “ouvir a Palavra” ao longo de três anos, poderia ser abreviada no caso de uma avaliação de que o catecúmeno já se encontrasse preparado para a

---

<sup>91</sup> Cf. LOPES, J., op. cit., p. 105; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 43.

<sup>92</sup> Cf. DANIÉLOU, J., op. cit., p. 44.

<sup>93</sup> Cf. HIPÓLITO DE ROMA, op. cit., pp. 20-21.

vida cristã. “Se algum deles for atento e dedicado não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado”<sup>94</sup>.

Fazia parte do processo da iniciação catequética a participação processual dos neófitos na vida da comunidade eclesial. Durante esses três anos de preparação os catecúmenos eram admitidos nos momentos de oração juntamente com os fiéis; também iam à Igreja, assistiam à primeira parte do ofício divino, ouviam a homilia, e muitas vezes os pregadores se dirigiam especialmente a eles<sup>95</sup>. A participação na vida comunitária repercutia na própria comunidade, que se tornava co-responsável por seus neófitos, acompanhando-os e orientando-os principalmente no que dizia respeito ao testemunho da fé na vida cotidiana, profissional, social e familiar<sup>96</sup>.

Com relação à estrutura do catecumenato do terceiro século, o século seguinte pouco acrescenta. Nota-se a aparição de algumas cerimônias complementares mas, em suas grandes linhas, a instituição já está fixada. No entanto, problemas novos se apresentam: o Batismo de crianças se torna mais freqüente; cresce o número de pagãos que querem se converter devido a ser a religião imperial, mas não querem mudar de vida, prolongando a duração do catecumenato para atrasar o Batismo<sup>97</sup>.

Em decorrência destes novos desafios, ocorre uma preocupação ainda maior com a preparação moral dos neófitos e com a reta e firme formação doutrinária. A preparação moral começa a comportar algumas práticas ascéticas, como jejuns, sacrifícios, mortificações, continência e exorcismos<sup>98</sup>.

Para entrar no processo catecumenal tornava-se necessário que o neófito fosse apresentado por um cristão. Um ritual de imposição de mãos e sinal da cruz marcava seu ingresso no período de preparação. Seguia-se a formação doutrinária e moral, orientada por um catequista, como também a participação processual nas celebrações litúrgicas da comunidade. Nestas celebrações, o neófito participava até o momento da liturgia eucarística, em um lugar especial, o lugar de “ouvinte da Palavra” e, antes de ser despedido, recebia a bênção e a imposição de mãos<sup>99</sup>.

---

<sup>94</sup> Ibid., p. 49.

<sup>95</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

<sup>96</sup> Cf. SANTANA, L. F., *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*, Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998, p. 144.

<sup>97</sup> Cf. GOMES, F. J., op. cit., p. 34.

<sup>98</sup> Cf. PADOVESE, L., op. cit., p. 125.

<sup>99</sup> Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A., op. cit., p. 83.

Após a etapa inicial de preparação para o sacramento do Batismo, a comunidade lhe entregava o Símbolo Apostólico e o Pai-nosso, como sinal de adesão e compromisso na fé cristã. Recebia o Batismo e, ainda com as vestes brancas, tinha início uma nova etapa que completava sua instrução sacramental: as catequeses mistagógicas.

No contexto da celebração do mistério pascal, pelo sacramento do Batismo, os neófitos tornavam-se membros de Cristo e incorporados à Igreja, feitos participantes de sua missão. Na mesma celebração, os neófitos eram selados pelo dom do Espírito Santo no sacramento da Confirmação, assim configurados sacramentalmente à imagem de Cristo, o Ungido, e constituídos membros da comunidade cristã, com direito pleno a todas as ações próprias da Igreja. Ainda participavam pela primeira vez com todos os fiéis, na Celebração Eucarística, e recebiam a comunhão do Corpo e Sangue do Senhor ressuscitado que consuma a união com Ele, sendo feitos “*um só corpo e um só espírito*” com Cristo pela força do Espírito Santo. (Ef 4,4)

A catequese mistagógica pressupunha as etapas anteriores e a dimensão da graça sacramental dos sacramentos de iniciação - Batismo, Confirmação e Eucaristia -, recebidos na vigília pascal. Era uma nova etapa catequética e sacramental, delimitada pela oitava pascal e que poderia estender-se até Pentecostes. Compreendia-se que os neófitos, renovados em seu espírito, assimilavam mais profundamente os mistérios da fé e os sacramentos da Igreja, experimentando quão “*suave é o Senhor*”<sup>100</sup>. (Mt 11,30)

Para a teologia grega oriental, os mistérios da fé são todos os acontecimentos da História da Salvação que se fazem presentes de maneira especial no momento em que se recebe o sacramento. Esta nova etapa constava de três elementos: a explicação dos ritos, particularmente do Batismo, desde as renúncias até a veste branca; a teologia bíblica dos sacramentos, como continuidade da ação de Deus no Antigo Testamento, onde sobressaem os temas de Adão, do paraíso, da Páscoa, êxodo e peregrinação no deserto; finalmente, a solução de dificuldades práticas da disciplina. Os fiéis, após a deposição das vestes, acompanhavam então o ensino homilético da comunidade<sup>101</sup>.

<sup>100</sup>Cf. MISTRORIGO, A. Mistagogia, in *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977, pp. 1104-1106.

<sup>101</sup> Cf. BIEMER, G., op. cit., p. 70

Esta orientação catecumenal específica dirigia continuamente os fiéis para o redescobrimento e para a celebração da Palavra de Deus e da morte e ressurreição do Senhor não apenas como mais um conteúdo catequético, mas como mistério que penetrava toda a sua vida pelo Espírito de Deus. A mistagogia permitia a compreensão e a celebração dos mistérios da fé cristã com uma assimilação total que abarcava todas as dimensões da pessoa e reorientava seu plano de vida.

Sendo a mistagogia o tema central de nossa pesquisa, a obra que mais se aproxima de nosso tema é a coletânea das Catequeses Mistagógicas, de Cirilo de Jerusalém<sup>102</sup>. Será dela que nos dedicaremos a analisar os nuances metodológicos e teológicos, como também a organização e a sistematização desta etapa do catecumenato primitivo<sup>103</sup>.

É atribuída a Cirilo a autoria de vinte e quatro conferências catequéticas que provavelmente pronunciou em sua maior parte na igreja do Santo Sepulcro<sup>104</sup>. Estas conferências dividem-se em dois grupos. O primeiro grupo compreende o discurso introdutório e dezoito catequeses dirigidas aos candidatos para o Batismo por ocasião da Páscoa próxima. Elas foram pronunciadas durante a Quaresma. O segundo grupo são as cinco últimas instruções, chamadas Catequeses Mistagógicas e dirigidas aos neófitos na semana da Páscoa<sup>105</sup>. Estas cinco catequeses explicam a doutrina e a liturgia dos sacramentos da iniciação e são consideradas tesouros preciosos da liturgia do quarto século. As duas primeiras

<sup>102</sup> Cirilo nasceu em Jerusalém por volta de 315 e foi nomeado bispo daquela cidade em 348. Pouco depois de sua consagração veio o conflito com os arianos que o atacavam como defensor e confessor da fé nicena. Foi afastado de sua sede por duas vezes. Tomou parte no concílio ecumênico de Constantinopla, em 381. Cf. QUASTEN, J., *Patrologia*, Madrid: BAC, 1977, pp. 403-405; Cf. FOLCH GOMES, C., op. cit., p. 225; DANIÉLOU, J., *Sacramentos y culto segun los Santos Padres*, trad. Mariano Herranz y Afonso de la Fuente, Madrid: Guadarrama, 1964, pp. 20-21.

<sup>103</sup> Segundo J. Daniélou, as Catequeses Mistagógicas são os documentos mais importantes para a teologia do culto, mas não são os únicos, já que em diversas obras encontramos passagens relacionadas com a mistagogia e os sacramentos. Por exemplo, em *De Trinitate*, de Dídimo, no *Tratado do Espírito Santo*, de Basílio, referindo-se principalmente aos sacramentos e ao ciclo litúrgico. Cf. DANIÉLOU, J., op. cit., p. 27.

<sup>104</sup> A questão da autoria das Catequeses Mistagógicas surgiu no século XVI, quando se conclui que as catequeses são erroneamente atribuídas a Cirilo de Jerusalém. Teriam sido proferidas por seu sucessor, João II de Jerusalém. Os estudos prosseguiram analisando manuscritos que atribuam a autoria ora a Cirilo ora a João. O consenso final é de que não se encontra na tradição manuscrita um respaldo suficiente para negar a autoria de Cirilo. Cf. QUASTEN, J., op. cit., p. 405; cf. PIÉDAGNEL, A., Introduction, texte critique et notes, in CYRILLE DE JÉRUSALEM, op. cit., pp. 14-15; DANIÉLOU, J., loc. cit..

<sup>105</sup> Cf. QUASTEN, J., loc. cit.; Cf. PIÉDAGNEL, A., loc. cit.

tratam do Batismo, a terceira da Confirmação, a quarta da Eucaristia e a quinta da liturgia da Celebração Eucarística.

Nas cinco catequeses mistagógicas Cirilo de Jerusalém adota o método da exposição popular, em linguagem simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais ou morais de seus ouvintes e, por isso mesmo, muito prático e objetivo<sup>106</sup>. Vejamos um pequeno trecho que exemplifica a forma simples e acolhedora presente na exposição de Cirilo.

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso<sup>107</sup>.

Diante de iniciantes na fé, Cirilo assume uma linguagem afável, familiar, em tom de conversação vai desenvolvendo suas instruções com clareza e firmeza de argumentos. Os textos explicam os ritos e o mistério espiritual realizado nas celebrações dos sacramentos e são norteados pelas Escrituras, particularmente por São Paulo<sup>108</sup>: “Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus, predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo”(Cf. Gl 3,27; Rm 8,29; Ef 1,5; Fl 3,21)<sup>109</sup>.

Quanto a um método preciso, torna-se difícil constatar uma certa organização que se repita nos discursos catequéticos. Algumas vezes Cirilo começa apresentando o erro dos hereges e mostra o ponto fraco da doutrina deles, para então expor a verdadeira doutrina e os argumentos que a apóiam. Outras vezes segue exatamente o caminho oposto.

Dada a importância e o sentido do processo catecumenal de Cirilo, vejamos agora como seu trabalho testemunha as principais verdades da fé, através da fundamentação teológica que se encontra na base como na orientação desta catequese mistagógica.

---

<sup>106</sup> Cf. VIER, F., Introdução, in CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., p. 18.

<sup>107</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-iluminados, n. 1., op. cit., p. 20.

<sup>108</sup> Cf. PIÉDAGNEL, A., op. cit, pp. 7-16.

### 3.2.3

#### Princípios teológicos

A doutrina exposta pelos Padres da Igreja em suas catequeses encontra nas fontes do Cristianismo as bases para sua fundamentação teológica. É uma teologia que articulou a Sagrada Escritura e a Tradição fecundando harmoniosamente a transmissão catequética da fé. Nessa articulação os eventos salvíficos e a Palavra tornam-se caminho mistagógico para que os iniciantes conheçam, se incluam e participem da trajetória do Povo de Deus.

É uma experiência catecumenal nutrida pela Revelação e, tendo na Sagrada Escritura e na Tradição suas fontes, conduz o neófito através da pedagogia divina, anunciando a fé não como um discurso a ser apreendido, mas como uma proposta de vida que provoca, “seduz e atrai rumo a um horizonte mais amplo”<sup>110</sup>.

Uma das bases importantes deste catecumenato é a importância do testemunho. As narrativas da Sagrada Escritura e a experiência da Igreja nascente são fruto da fé que brota da Revelação e que se torna testemunho. Tornam-se manifestações concretas de uma teologia que não se opõe à vida de fé, mas antes a nutre e expressa.

De testemunho em testemunho, de fé em fé, a Palavra, que ressoou na plenitude dos tempos alcança, pela força do Espírito, os caminhos da história. A experiência teológica dos Padres desenvolve-se no âmbito de um horizonte unitário e totalizante, constituído pelos dois pólos intimamente conexos da Escritura e da Igreja<sup>111</sup>.

Nesse sentido, fazer memória da fé, através do anúncio da Revelação presente na Sagrada Escritura e na Tradição é conhecer o testemunho das origens, luz de Deus para esclarecer o caminho e se construir a consciência do presente. Os Padres da Igreja têm claro que o lugar que registra por excelência e de modo normativo para sempre o advento divino na história é a Escritura. É ela que vai nutrir a fé<sup>112</sup>. Esta palavra, consignada na Escritura, é transmitida vitalmente na

---

<sup>109</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Terceira Catequese Mistagógica sobre a Crisma, n. 1, op. cit., p. 29.

<sup>110</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., p. 58.

<sup>111</sup> Ibid., p. 88.

<sup>112</sup> Ibid., p. 164.



Tradição da fé eclesial. “A Tradição é transmissão da fé, transmissão da vida cristã, que floresce no comportamento cristão na nossa vida, na confissão de fé diante dos homens e no louvor de Deus”<sup>113</sup>.

Como consequência da fundamentação teológica presente nessas duas fontes - a Sagrada Escritura e a Tradição -, o catecumenato primitivo apresenta o Símbolo Apostólico também como fonte que brota da experiência apostólica e explicita os temas teológicos da fé cristã.

Nas catequeses de Cirilo, em geral apresentam a fé da Igreja, através do Credo, a profissão de fé da comunidade de Jerusalém. Cirilo não apresenta um tratado teológico sobre cada um dos temas, mas os princípios básicos da fé cristã<sup>114</sup>, tendo como ponto de referência a Sagrada Escritura. Para exemplificar, trazemos um trecho de uma de suas Catequeses Mistagógicas.

E como Cristo foi verdadeiramente crucificado e sepultado e ressuscitou, e vós, pelo batismo, fostes, por semelhança, tidos por dignos de com ele ser crucificados, sepultados e ressuscitados, assim também na unção do crisma. Ele foi ungido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamado óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com óleo, feito partícipes e companheiros de Cristo<sup>115</sup>.

Ao longo das suas catequeses, Cirilo vai apresentando a teologia dos sacramentos da iniciação a partir destas fontes: a teologia firmada no Símbolo Apostólico e os acontecimentos da História da Salvação. Com essas bases, a formação catecumenal convida ao caminho mistagógico, conduzindo os neófitos através da dinâmica da Revelação. Vejamos um pouco mais como esses princípios doutrinários fundamentam a teologia do catecumenato primitivo.

### 3.2.3.1

#### O Símbolo Apostólico

O Credo é o sinal da trajetória de fé da comunidade eclesial. Nele se fazem presentes todos os aspectos da fé: o aspecto existencial, a dimensão da entrega

<sup>113</sup> CONGAR, Y., *La tradizione e la vita della Chiesa*, Roma, 1983, citado por FORTE, B., op. cit., p. 164.

<sup>114</sup> Cf. PIÉDAGNEL, A., op. cit., pp. 16-18.

<sup>115</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Terceira Catequese Mistagógica sobre a Crisma, n. 2, op. cit., p.30.

peçoal, de mudança de eixo referencial da própria existência; o aspecto hermenêutico, a interpretação da experiência de fé, atitude de escuta atenta do homem à Palavra que lhe é revelada; o aspecto prático, a resposta ativa, compromissada com o Outro e com os outros; e o aspecto escatológico, a dimensão utópica, trans-histórica, de plenitude, da instauração definitiva do Reino de Deus<sup>116</sup>.

Os Santos Padres podiam não ter sistematizado a profundidade teológica do Credo para a trajetória da fé cristã como tem feito a teologia contemporânea. No entanto, a escolha do Símbolo Apostólico como referência fundamental para a catequese, já sublinha sua perfeita consonância com o *kerigma* neotestamentário, como a continuidade à evangelização apostólica.

B. Forte assinala a importância da profissão de fé como fonte, fundamento e orientação segura para o Cristianismo.

A profissão de fé é início do Mistério, abertura ao infinito, janela para o ilimitado: sequer o dogma é lápide sepulcral, mas pedra miliar! É assim que a teologia, nutrida de vida de fé, busca a face daquele que quer ser encontrado, e, tendo-o encontrado, não para de buscá-lo, porque o seu ocultamento suscita o desejo de encontrá-lo e a sua intensidade, o de buscá-lo ainda mais<sup>117</sup>.

Alimentados por essa teologia, onde a firmeza da fé se une a uma espiritualidade fundada no discernimento e na escuta da Revelação em todos os tempos e situações, o ato de fé torna-se não apenas mais um documento da Tradição a ser conservado e transmitido aos iniciantes, mas o referencial dos conteúdos essenciais da fé construído a partir da experiência de Revelação da comunidade cristã. Torna-se ponto de partida, bússola para a trajetória cristã e horizonte escatológico. No catecumenato, pelo qual o candidato é introduzido no Mistério, a profissão da fé tornou-se imprescindível na iniciação sacramental.

A nomeação do Credo como “símbolo apostólico”<sup>118</sup> já traz em si o significado sacramental que identificou o seu lugar e importância desde as

<sup>116</sup> Sobre os aspectos da fé ver METZ, J.B., *A fé em história e sociedade*, São Paulo: Paulinas, 1981, p. 65ss.

<sup>117</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., pp. 58-59.

<sup>118</sup> Apesar de sua origem grega - *symbolon* -, o termo aparece pela primeira vez aplicado aos credos do Ocidente latino. A expressão “símbolo dos apóstolos” - *symbolum apostolorum* - aparece pela primeira vez em carta enviada pelo sínodo de Milão de 390 ao papa Sirício, para designar o Sumário da fé próprio da tradição romana. Cf. CURA ELENA, S., Símbolos da Fé, in PIKAZA, X. e SILANES, N., (dir.), op. cit., pp. 827-836.

primeiras comunidades. No termo “símbolo” se reúne a experiência antropológica de que a realidade é multidimensional, de que as coisas visíveis à primeira vista apontam coisas profundas invisíveis e, para a fé cristã, a relação intrínseca entre a fé pessoal e a fé comunitária enquanto resposta a uma iniciativa de Deus<sup>119</sup>. Ao cunhar a expressão “símbolo apostólico” o que se pretende é a legitimidade fundada na autoridade dos apóstolos, testemunhas da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Esta relação de legitimidade e autoridade apostólica diz respeito aos seus conteúdos, enquanto herança doutrinal apostólica, mas não significa que se tenha encontrado uma fórmula de fé de origem apostólica, fixa em seu conteúdo e acabada em sua estrutura, da qual dependeriam todos os credos posteriores como um modelo originário.

Tudo indica que o processo de elaboração e configuração do que podem ser considerados núcleos germinais ou elementos fragmentários de credos posteriores foi tão complexo e diversificado como podiam ser as situações vitais dos diversos grupos cristãos. Nos textos que nos deixaram, textos confessantes, fica plasmada sua fé, cuja peculiaridade mais específica está relacionada com o acontecimento Cristo<sup>120</sup>.

Nos primeiros séculos prevalece a hipótese que afirma que o “símbolo”, a profissão de fé, estava diretamente relacionada com o Batismo, sua preparação e sua celebração. As três perguntas batismais, fundadas na fé trinitária, eram um resumo da fé cristã e garantiam o afastamento das heresias que negavam a Trindade: *“Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei”*. (Mt 28,19)

Essa relação entre a estrutura trinitária do Batismo e o símbolo da fé já é por si mesma significativa. Ela nos aponta para a definição de uma identidade própria, confirmada na adesão à fé cristã explicitada no rito sacramental, assumida em comunidade e testemunhada na vida. Cirilo sublinha essa dimensão nas suas Catequeses ao se referir à unção batismal e à imersão.

---

<sup>119</sup> Para a fé cristã, no conceito de símbolo se relacionam objetivamente ‘sinal’ e ‘causa’. “A graça de Deus se coloca eficazmente presente ao criar sua expressão, sua concretude histórica dentro do espaço e do tempo, ou seja, seu símbolo”. Cf. NOCKE, F., Doutrina geral dos sacramentos, in SCHNEIDER, T., (org.), op. cit., vol 2, pp. 190-192.

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino Batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizeste a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo<sup>121</sup>.

No Batismo, momento decisivo na vida cristã, a profissão de fé evidencia a identidade crente e a confirma publicamente, na unidade com a Igreja. É a fé cristã assumida pessoalmente, concretizada nas atitudes de uma nova vida e compartilhada na comunhão eclesial com todo o Povo de Deus. O ato de fé possui, assim, uma dupla dimensão: a dimensão de identidade e compromisso pessoal e a dimensão de renovação e fortalecimento da comunidade de fé.

Vejamos abaixo a recomendação de Cirilo e a profissão de fé da comunidade de Jerusalém nos séculos III e IV. Esta não se encontrava escrita integralmente<sup>122</sup> nas Catequeses Mistagógicas, mas vai sendo exposta à medida em que Cirilo apresenta cada Catequese. Cirilo afirma que aqui se resume efetivamente todo o conteúdo da fé cristã ao qual adere o novo convertido<sup>123</sup>.

Oferecemo-vos em poucos versículos o dogma inteiro da fé. Quero que o fixeis com as próprias palavras e o repitais convosco mesmos com todo cuidado, não o escrevendo em papel, mas gravando-o na memória de vosso coração<sup>124</sup>.

1. Cremos em um Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.
2. E em um Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai, Deus verdadeiro, antes de todos os séculos, pelo qual foram feitas todas as coisas.
3. Que veio na carne e se fez homem (da Virgem e do Espírito Santo).
4. Foi crucificado e sepultado.
5. Ressuscitou ao terceiro dia.
6. E subiu aos céus e está sentado à direita do Pai.
7. E virá na glória para julgar os vivos e os mortos, cujo reino não terá fim.
8. E em um Espírito Santo, o Paráclito que falou nos profetas.
9. E em um batismo de penitência para remissão dos pecados.
10. E em uma santa católica Igreja.

<sup>120</sup> CURA ELENA, S., loc. cit.

<sup>121</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Segunda Catequese Mistagógica sobre o Batismo, n. 4, op. cit., p. 26.

<sup>122</sup> O símbolo apostólico não se encontrava escrito integralmente devido à disciplina do arcano, uma espécie de pacto de segredo feito com os neófitos para conservarem o que lhes era ensinado. Entre os estudiosos do tema a questão é bastante controversa. Para alguns não há nenhuma indicação de que a disciplina do arcano já vigorava antes do século IV com a finalidade de garantir o silêncio e a não recitação ou declaração pública dos credos. Cf. CURA ELENA, S., op. cit., p. 828; Cf. FIGUEIREDO, F., op. cit., p. 16.

<sup>123</sup> Cf. DANIÉLOU, J., op. cit., p. 48.

<sup>124</sup> Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses*, 5,12 in FIGUEIREDO, F., op. cit., p. 19.

11. E na ressurreição da carne.
12. E na vida eterna<sup>125</sup>.

Já em fins do século I, a fé cristã oferece um perfil bastante preciso e delimitado não somente no corpo doutrinal transmitido, mas também nos conjuntos de sumários em diversos estilos, sejam aclamações de fé, sejam hinos litúrgicos, ou como instrução e ensinamento. Há formulações em que a cláusula central é Jesus Cristo, outras apresentam uma estrutura bimembre ao referir-se a Deus Pai e a seu Filho Jesus Cristo, e outras ampliam triadicamente sua estrutura incluindo o Espírito Santo<sup>126</sup>. As distintas formas não excluem o fato de haver uma relação estreita entre elas fundada no anúncio querigmático acompanhado pelo testemunho e evangelização dos primeiros discípulos.

A profissão de fé acima apresentada já possui uma estrutura marcada pelas reflexões e conclusões provenientes dos Concílios trinitários de Nicéia e de Constantinopla. Estavam na pauta das discussões conciliares as controvérsias cristológicas e heresias e, em consequência, a necessidade de garantir inequivocamente a verdadeira divindade de Jesus Cristo contra as negações arianas. Em Nicéia, à estrutura trinitária, já presente no símbolo da fé, é acrescida a parte cristológica no Credo. Em Constantinopla, a ação e o ser do Espírito Santo são fundamentados e a doutrina da fé trinitária recebe consistência e configuração definitivas.

No âmbito desta pesquisa, conhecermos os conteúdos da fé transmitida aos neófitos e compreendermos a escolha central pelo Símbolo Apostólico vem nos auxiliar, situando-nos em um catecumenato que está atento às diversas dimensões que se inter-relacionam neste processo: a graça de Deus, a ação e o testemunho do evangelizador, os fundamentos da fé, o neófito, a comunidade eclesial, a comunidade local.

Na escolha do Símbolo Apostólico como eixo orientador das Catequeses Mistagógicas, Cirilo aponta para uma profunda orientação teológica que percebe o catecumenato como caminho onde esses diversos fatores necessitam ser contemplados, onde a pessoa iniciada é vista em todas as suas dimensões e relacionamentos. Uma orientação catecumental que tem em sua base a compreensão da fé como dom e como dinâmica que dialoga com a vida e a

---

<sup>125</sup> Ibid., p. 18 e DENZINGER, E., *El magisterio de la Iglesia*, Barcelona: Herder, 1995, p.7.

história, onde a experiência de fé é memória, tradição de um Povo, testemunho e vida comunitária. E mais. Confirma, na profissão de fé da comunidade eclesial, a dinâmica da Revelação e da fé em seu caráter cosmológico e antropológico e, ao mesmo tempo, cristológico e teocêntrico<sup>127</sup>. “*Para nós, só há um Deus, o Pai, de quem tudo procede, e para o qual nós vamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos*”. (1Cor 8,6)

Nesta perspectiva mistagógica, um outro princípio doutrinário vai orientar a reflexão e a fundamentação teológica transmitida aos iniciantes na fé: a História da Salvação.

### 3.2.3.2

#### A História da Salvação

Até aqui vimos que um dos referenciais da doutrina cristã que serve de base e orientação para a etapa mistagógica do catecumenato dos séculos III e IV é o Símbolo Apostólico. Entretanto, mesmo estando diante do sumário da fé, com seus artigos e princípios básicos, o discernimento teológico ainda possui outro referencial para o catecumenato: a História da Salvação.

Os acontecimentos histórico-salvíficos, são as *mirabilia Dei*<sup>128</sup>, os sinais da presença e Revelação de Deus operados e atualizados ao longo de toda a Revelação bíblica<sup>129</sup>. A finalidade da catequese era colocar os iniciantes em contato direto com estes sinais, tanto conhecendo-os enquanto saber e memória da caminhada do Povo de Deus, como vivenciando-os e confrontando-os com a própria trajetória na fé pessoal e comunitária.

Cirilo constrói as suas catequese com o material básico da Sagrada Escritura, acreditando que a Palavra de Deus é o instrumental mais adequado para

<sup>126</sup> Cf. CURA ELENA, S., op. cit., p. 829.

<sup>127</sup> Cf. PAIVA, H., Introdução, in SANTO AGOSTINHO, op. cit., p. 14.

<sup>128</sup> As *mirabilia dei* não constituem uma sucessão de intervenções arbitrárias de Deus na história humana. Nos fatos da história de seu povo, o profeta descobre um princípio religioso de unidade, um sentido presente, um fio condutor que faz descortinar um caminho que remete sempre para Deus, de tal modo que os acontecimentos são a um tempo realizações parciais e sinais. Em outras palavras, realizam e prometem, antecipam e comprometem, revelam e ocultam um desígnio de amor que não é outro senão Cristo, verdadeiro sentido e decifração da História. Nele se totalizam e se recapitulam o ontem, o hoje e o amanhã: “*Eu sou o Alfa e o Ômega. Aquele que é, que era e que vem*”. (Apc 1,8) Cf. PAIVA, H., op. cit., pp. 12-13.

<sup>129</sup> Cf. SANTANA, L. F., *Batizados no Espírito*, op. cit., p. 14.

a transmissão do depósito da fé<sup>130</sup>. Vejamos num pequeno trecho de suas Catequeses Mistagógicas, um exemplo de como Cirilo apresenta a História da Salvação para os neófitos.

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado. Lá o sangue do cordeiro afastou o anjo exterminador; aqui o sangue do Cordeiro Imaculado, Jesus Cristo, constitui um refúgio contra os demônios<sup>131</sup>.

Um outro fator que não podemos deixar de ressaltar é a relação de continuidade que os Padres da Igreja foram capazes de fazer entre o Antigo e o Novo Testamento, numa leitura harmônica e integrada que apresentava uma única História da Salvação e anunciava uma única economia da Salvação<sup>132</sup>, da qual a comunidade contemporânea bebia e dava continuidade por sua fidelidade, interpretação e testemunho no mundo.

A continuidade entre as grandes ações de Deus no Antigo e no Novo Testamento e os Sacramentos da Igreja coloca-se, sobretudo em três níveis bíblicos fundamentais: o nível profético (relação promessa-cumprimento), o nível tipológico (relação tipo-realidade) e o nível histórico-salvífico (relação entre as intervenções divinas nos diversos planos da História da Salvação)<sup>133</sup>.

A História da Salvação revela a pedagogia do plano de Deus e os acontecimentos transformam-se em experiências de Salvação para cada ouvinte ao longo das etapas catequéticas. Assim como Cirilo de Jerusalém, os demais Padres deste período fundamentavam a catequese nos acontecimentos histórico-salvíficos<sup>134</sup> por compreendê-los não como uma estratégia metodológica, mas como uma estrutura pedagógica e orgânica da economia da Salvação<sup>135</sup>.

<sup>130</sup> Ibid., p. 47.

<sup>131</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-iluminados, n.3, op. cit., p. 21.

<sup>132</sup> SANTANA, L. F., op. cit., p. 16.

<sup>133</sup> ROCCHETTA, C., *Os Sacramentos da Fé*, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 147

<sup>134</sup> É importante destacar que a dimensão bíblica do catecumenato primitivo era acompanhada pelo método tipológico, marcante na catequese patrística. Trata-se de uma exegese alegórica, fruto de uma leitura que une a teologia dos símbolos e a teologia bíblica, valorizando o conteúdo espiritual na representação simbólica como acesso mais seguro à Revelação Bíblica. Assinalamos a atenção toda especial que o tema merece, mas que, devido aos limites desta dissertação, não poderá ser aprofundado. Cf. PADOVESE, L., op. cit., pp. 37-38.

<sup>135</sup> Cf. SANTANA, L. F., loc. cit..

Esta escolha nos revela mais a orientação mistagógica da catequese, ao priorizar a História da Salvação em seu aspecto dialogal, como iniciativa de Deus que convida o ser humano a participar de sua vida íntima, trinitária. Convite esse feito pela mediação do povo de Israel no interior de sua história e tradicionalizado, reinterpretado e experimentado na trajetória pessoal e comunitária.

Nesta orientação catecumental, podemos aprender dos Padres da Igreja o amor à Escritura, o sentido e a atualidade que ela abraça, o horizonte unitário em que a vida deve ser vivida à luz da Palavra, o significado dos símbolos e dos sacramentos que vivificam em nós o Mistério em uma relação de proximidade e de familiaridade<sup>136</sup>. O objetivo da catequese da História da Salvação é, pois, suscitar uma vida cheia de fé, esperança e amor que, a partir da manifestação das Escrituras, descobre o amor de Deus agindo em toda a história humana<sup>137</sup>.

Distanciados no tempo cronológico, porém unindo-nos à reflexão teológica em que se fundamenta esta orientação catecumental, observamos que, ao selecionar o Símbolo Apostólico e a História da Salvação como os grandes referenciais de sua ação evangelizadora, os Padres da Igreja estão articulando a catequese mistagógica em dois eixos fundamentais: a Sagrada Escritura e a Tradição, abordadas em chave de economia salvífica de um lado, e, de outro, a pessoa humana nas coordenadas socioeconômico-culturais em que se desenrola sua existência e com suas categorias de pensamento sobre si mesmo, a história e o mundo<sup>138</sup>. Será com base nestes pressupostos que avançaremos em nossa análise estudando a pedagogia que inspirava e fundamentava a catequese mistagógica.

### 3.2.4

#### Princípios pedagógicos

Podemos iniciar esta seção questionando-nos se é possível falar em uma pedagogia no catecumenato primitivo, já que enquanto estudo teórico das questões

---

<sup>136</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., 168, citando BENOIT, A., *Attualità dei padri della Chiesa*, Bolonha, 1970.

<sup>137</sup> Cf. PAIVA, H., op. cit., p. 15.

<sup>138</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 150.



da educação esta ainda vivia um processo de elaboração<sup>139</sup>. Por outro lado, no que concerne à filosofia grega, a pedagogia já havia atingido uma perspectiva abrangente que considerava a existência humana na sua gama de relações e de possibilidades de crescimento. O ideal da educação grega visava a formação integral da pessoa humana que se refletisse em suas idéias e atitudes diante dos desafios da vida.

Portanto, não é possível falar em pedagogia sem considerar a *paideia* grega e o conceito de educação que se engendrava no diálogo do Cristianismo com a cultura grega. Os missionários cristãos buscavam, algumas vezes, fundamentos para sua reflexão nos argumentos filosóficos de seus predecessores, em especial quando se dirigiam a um público grego culto<sup>140</sup>. Esse foi um momento enriquecedor e decisivo no encontro entre gregos e cristãos.

A *paideia* grega é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua sabedoria física e espiritual, propaga a sua forma de existência social e potencializa a criação de novas formas frente a novos desafios. É uma educação consciente, que eleva a natureza humana e suas qualidades a um nível superior, conduzindo progressivamente à descoberta de si próprio e criando, pelo conhecimento do mundo interior e exterior, formas melhores de existência humana<sup>141</sup>.

Nesta concepção, a educação não é propriedade individual, já que pertence, por essência, à comunidade. “O influxo da comunidade nos seus membros tem sua maior força no esforço constante de educar, em conformidade com o seu próprio sentir, cada nova geração”<sup>142</sup>. Dessa forma, a *paideia* grega é o resultado da consciência viva de uma orientação que rege uma comunidade humana, participa da vida e do crescimento de cada cidadão e de toda a sociedade<sup>143</sup>.

---

<sup>139</sup> Os sofistas, em Atenas, século V a.C. iniciam o debate sobre os métodos de transmissão do saber apresentando novas propostas educativas. No entanto, essa preocupação constitui um desenvolvimento e um enriquecimento do conceito de *aretê*, que expressa o ideal educativo grego. O conceito de *aretê* tem o sentido de tornar o homem virtuoso, aperfeiçoá-lo no caráter que orienta a ação cotidiana. Com os sofistas esse conceito se amplia e abarca a formação humana mais ampla e consciente. Cf. JAEGER, W., *Paideia*, op. cit., pp. 22-23.

<sup>140</sup> Cf. JAEGER, W., *Cristianismo e paideia grega*, op. cit., p. 24.

<sup>141</sup> Ibid., p. 3.

<sup>142</sup> Ibid., p.4.

<sup>143</sup> Ibid.

Anteriormente nos detivemos no exame de aspectos pedagógicos presentes na dinâmica da Revelação, na ação evangelizadora de Jesus, como também na evangelização apostólica. Esta análise inicial nos remete à existência de princípios pedagógicos em desenvolvimento na prática do catecumenato, provenientes não só de uma visão teológico-pastoral atenta ao processo educativo, como também do influxo da formação filosófica helênica na ação evangelizadora cristã.

A carta de Clemente de Roma<sup>144</sup> aos cristãos de Corinto, escrita na última década do século I, apresenta sinais claros de que a noção da *paideia* grega inspirava os ideais daquela civilização. Clemente exorta os coríntios à concórdia e à unidade revelando a convicção fundamental de que a religião cristã, se quiser formar uma verdadeira comunidade, requer uma disciplina interna semelhante à dos cidadãos de um Estado bem organizado, permeado por um espírito comum a todos.

Amados irmãos, escrevemo-vos o suficiente a respeito das decisões mais acertadas para nossa religião, como também a respeito da atitude mais favorável para as pessoas que querem levar uma vida santa na piedade e justiça. Citamos todos os aspectos que dizem respeito à fé, penitência, verdadeira caridade, continência, prudência e paciência, recordando que vos é necessário agradar santamente ao Deus poderoso em justiça, verdade e generosidade, mantendo a concórdia pelo esquecimento da injúria, no amor e na paz, com constante modéstia, como também nossos pais que, como mencionamos, Lhe agradaram, mantendo-se humildes na conduta para com o Pai, Deus e Criador, e para com todos os homens<sup>145</sup>.

O modo como Clemente estabelece o seu conceito de ordem e paz na comunidade humana da Igreja se baseia em reflexão filosófica consciente sobre o problema geral envolvido<sup>146</sup>.

A unidade da Igreja que Clemente tem em mente e advoga corresponde a esse ideal filosófico grego e ele pode explicá-la com a maior das facilidades recorrendo a esta analogia, ainda que a religião cristã encha o antigo conceito de um novo espírito próprio. (...) O que pretendia originalmente ser uma

<sup>144</sup> O Papa Clemente de Roma, terceiro sucessor de Pedro, escreveu à comunidade de Corinto para exortá-la a recompor a ordem eclesiástica, devido a contendas naquela comunidade eclesial. A Igreja na Síria atribuiu a esta carta valor canônico, e o Codex Alexandrinus da Bíblia a incluiu entre os livros inspirados. Orígenes e Eusébio identificam Clemente com o colaborador de Paulo citado em Fl 4,3. Cf. BIHLMAYER, K. e TUECHLE, H., op. cit., p. 174.

<sup>145</sup> CLEMENTE DE ROMA, *Primeira Carta de Clemente aos Coríntios*, cap. 62, 1-2, disponível em: <http://sites.uol.com.br/agnus.dei.2002>, acesso em 13 jan. 2003.

<sup>146</sup> Cf. JAEGER, W., op. cit., pp. 2-33.

explicação da vida orgânica no corpo humano era agora transferido para a vida no universo: tudo era permeado pelo *pneuma* doador de vida<sup>147</sup>.

A carta de São Paulo aos Efésios e algumas passagens dos escritos apostólicos<sup>148</sup> falavam da *paideia tou kyriou*, o que Clemente deve ter tido em mente quando fala em vários trechos, quase no final da sua carta, da “*paideia* de Deus” ou da “*paideia* de Cristo” como a grande força protetora na vida do cristão<sup>149</sup>.

O conceito de *paideia* não se limita de modo nenhum ao mundo “pagão” desse tempo, mas está muito vivo entre os judeus bem como entre os cristãos; é mencionado como coisa facilmente compreensível para todos, ainda que os cristãos e os judeus possam pensar ter algo de seu com que contribuir para a questão de uma verdadeira *paideia*. Assim, o antigo ideal grego entra numa nova fase da sua vida. A história não se processa a partir de uma definição daquilo que vai buscar ao passado, mas tomando posse de tal e adaptando-o aos seus novos objetivos<sup>150</sup>.

Orígenes entende o Cristianismo como o maior poder educacional da história e estava essencialmente de acordo com Platão e a filosofia, com a diferença de que representa a vinda do Logos ao homem não só como um esforço humano, mas como procedendo de uma iniciativa divina. Cristo é, para Orígenes, o educador que transfere as idéias sublimes para a realidade<sup>151</sup>: “A *paideia* do cristão é *imitatio Christi*: Cristo nele deve tomar forma”<sup>152</sup>.

O conceito de pedagogia, do grego *paidagogia*, evoca a idéia de condução, de conduzir pelas mãos a criança à escola, ao saber. “*Assim pois, a lei foi o nosso vigilante*<sup>153</sup>, à espera do Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé”. (Gl 3,24) Esse conceito se coaduna com o significado de mistagogo, como aquele que orienta para o Mistério, como um orientador nos caminhos da fé, um pedagogo da fé. Orientação esta considerada não no sentido do escravo que apenas conduz a criança ao seu mestre, sem estabelecer com ela nenhuma relação de aprendizagem, mas ampliando esse conceito para a noção ampla de educação,

<sup>147</sup> Ibid., p. 36.

<sup>148</sup> Cf. Ef 6,4; 2Tm 3,14-16; 1Cor 4,15.

<sup>149</sup> Cf. JAEGER, W., op. cit., pp. 39-40.

<sup>150</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 41.

<sup>151</sup> Ibid., p. 89.

<sup>152</sup> Ibid., p. 118.

<sup>153</sup> A Bíblia de Tradução Ecumênica traduz por *vigilante* o grego *paidagōgós*, palavra que designa o escravo que mantinha as crianças na disciplina e as conduzia ao mestre-escola.

gerada a partir do diálogo do Cristianismo primitivo com o mundo grego, que nos traz a idéia do Cristianismo como a nova e verdadeira *paideia*.

O novo significado de *paideia* deve-se à posição central que esse conceito ocupou durante séculos no pensamento grego e à capacidade de análise, discernimento e diálogo da evangelização apostólica e dos Padres da Igreja com o mundo cultural, intelectual e religioso em que viviam. Pode-se mesmo falar em um encontro da religião cristã com a herança intelectual grega, que fez que as pessoas se apercebessem de que as duas tradições tinham muito em comum quando vistas do alto da idéia grega de *paideia* ou educação, que oferecia a ambas um mesmo denominador genérico<sup>154</sup>.

É nesse sentido que encontramos na catequese mistagógica princípios verdadeiramente pedagógicos, percebendo a ação evangelizadora como prática educativa que considera a especificidade dos grupos de neófitos, a dimensão existencial do anúncio evangélico, o acompanhamento do iniciante, a experiência comunitária enquanto interlocutora e testemunho e a dinâmica da fé enquanto processo na vida de cada neófito.

Vejamos um pouco mais detalhadamente como esses princípios pedagógicos se desenvolviam no catecumenato dos séculos III e IV.

### 3.2.3.1

#### A especificidade dos grupos

A Igreja nascente distingue entre o anúncio do Evangelho aos não cristãos – *kerigma* -, e o ensinamento aos novos convertidos, no qual se explicam as Escrituras à luz dos fatos cristãos - *didaqué*. “*Eles eram assíduos aos ensinamentos dos apóstolos (...)*” (At 2,42). Certamente, a iniciação cristã constitui, então, algo mais que ensinamento dos apóstolos. É também comunhão, celebração, oração, conversão de hábitos e costumes, participação na comunidade, enfim, uma iniciação a uma nova vida, agora configurada pelo encontro com o Cristo Ressuscitado<sup>155</sup>.

<sup>154</sup> Cf. JAEGER, W., op. cit., p. 86.

<sup>155</sup> Cf. LOPES, J., Catecumenato, op. cit., p. 104.

Como vimos anteriormente, o catecumenato primitivo estruturava-se levando em consideração o processo de iniciação à fé cristã em suas diversas etapas. A partir das fontes patrísticas podemos encontrar três etapas, antes e depois do Batismo: a preparação remota, a preparação próxima e a orientação mistagógica, após o Batismo<sup>156</sup>. Essa estrutura em três etapas se repete nas orientações catequéticas de Agostinho, Cirilo de Jerusalém, Teodoro de Mopsuéstia, Ambrosio e em João Crisóstomo.

A organização em etapas vem traduzir uma visão da catequese enquanto processo, e também a clareza de objetivos diferentes em função do momento em que os iniciantes estavam vivendo. Em decorrência dessa visão, surge a preocupação pedagógica de selecionar os conteúdos e experiências fundamentais para cada etapa.

É muito interessante observar que para cada fase encontravam-se conteúdos específicos, bem como atividades litúrgicas e reflexões quanto à moral condizentes com os objetivos daquela etapa. No entanto, os conteúdos significavam orientações para a catequese que, em última análise, devia ter como prioridade o acompanhamento dos neófitos e a adequação da linguagem e dos métodos, a fim de, a cada grupo, atender mistagogicamente.

Entre aqueles que desejavam o Batismo encontravam-se pessoas simples e letradas, pessoas de formação judaica, helênica, gentios de diferentes culturas. Os iniciantes chegavam de contextos diversos quanto à sua origem, cultura, discernimento religioso, vida profissional e familiar. Na catequese essa diversidade era objeto de atenção e planejamento por parte dos agentes de evangelização e as instruções catequéticas estabeleciam diálogo entre a fé cristã e a realidade do neófito.

Agostinho nos fala desta atenção pedagógica com a integração entre fé e vida como condição para o catecumenato, abordando tanto a realidade do neófito, como daquele que orienta este processo.

As circunstâncias influenciarão inevitavelmente aquele que vai narrar e explicar... e a exposição trará em si como que o reflexo da afecção do ânimo daquele por quem é proferida. Esta mesma diversidade impressionará

---

<sup>156</sup> Cf. FEDERICI, T., La Santa Mistagogia permanente de la Iglesia, in PHASE 193, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica* 1993, 16-19;

diferentes ouvintes, mesmo porque eles próprios impressionam mutuamente, com a sua presença, de diverso modo.

Mas porque agora tratamos da instrução dos catecúmenos, posso eu mesmo testemunhar que me impressiono diferentemente ao ver diante de mim para serem catequizados o erudito, o tímido, o cidadão, o estrangeiro, o rico, o pobre, o civil, o magistrado, o poderoso, o representante desta ou daquela família, desta ou daquela idade, ou sexo, desta ou daquela seita, provindo deste ou daquele erro vulgar. É de acordo com a diversidade do meu sentimento que o meu comentário brota, se desenvolve e termina<sup>157</sup>.

No século IV o catecumenato é estruturado em duas classes: a dos simples catecúmenos, os ouvintes, aqueles que escutam a Palavra de Deus; e a dos competentes ou *electi*, em grego *photizomenoi*, isto é, os que serão iluminados<sup>158</sup>. Cada grupo recebe a orientação específica, sendo que o segundo grupo recebe uma fundamentação teológica condizente com a responsabilidade que está por assumir diante de Deus e da comunidade cristã e humana. Nessa formação incluiu-se a reflexão que a teologia patrística vinha desenvolvendo frente aos argumentos heréticos e orientações concretas quanto à vida familiar e comunitária, e também quanto às relações sociais e escolhas profissionais coerentes com a fé que os iniciantes estavam abraçando integralmente.

Com a apresentação das fases do catecumenato podemos constatar que havia a etapa mistagógica, como uma fase especial, distinta das anteriores. Uma etapa fundamentada na experiência vivida na iniciação sacramental, cujas realidades eram minuciosamente aprofundadas<sup>159</sup>. Esta concepção do elemento mistagógico do catecumenato está presente, no entanto, não apenas para designar uma fase distinta na formação dos neófitos, mas enquanto eixo referencial para esta ação evangelizadora. Tanto assim, que passa a ser considerada não mais como uma fase de preparação para um grupo específico, mas como uma experiência permanente<sup>160</sup> que atinge a todos os fiéis, sempre em processo de discernimento e crescimento na fé, sempre em diálogo com Deus, com a sua realidade e a comunidade, enfim, sempre neófitos.

<sup>157</sup> SANTO AGOSTINHO, cap. XV, op. cit., p. 67.

<sup>158</sup> Cf. PAIVA, H., Introdução, in SANTO AGOSTINHO, op. cit., p. 11.

<sup>159</sup> FEDERICI, T., op. cit., p. 17.

<sup>160</sup> T. Federici analisa a obra pastoral dos Padres da Igreja até o século VII no Oriente e até o século VI no Ocidente, como uma obra mistagógica, que não deve ser confundida apenas com a catequese. A iniciação cristã seria sua fonte que se estende e desenvolve ao longo da vida cristã, na liturgia, no diálogo com a comunidade eclesial, na condução pessoal e eclesial pelo caminho do Mistério de Cristo. Cf. FEDERICI, T., op. cit., pp. 16-17.

Continuando nossa apresentação dos princípios pedagógicos que orientam a experiência catecumenal dos séculos III e IV, vejamos como a dimensão existencial era contemplada nesta prática evangelizadora.

### 3.2.3.2

#### A dimensão existencial

O catecumenato primitivo nos apresenta e propõe a integração entre a dimensão pedagógica e a dimensão teológica. É um catecumenato que parte da realidade da pessoa humana, que leva a Boa-Nova aos homens e mulheres tais como são, assim como na pedagogia da Revelação e na própria ação de Jesus junto aos discípulos, aos diversos grupos de seu tempo, como também às multidões que o seguiam. Percebendo a História da Salvação como a mesma e única história da humanidade, os Padres da Igreja orientam um catecumenato que leva cada pessoa que quer encontrar-se com Deus a primeiro encontrar-se a si mesmo. Será a descoberta das próprias razões que levaram à busca de Deus que servirá ao diálogo da fé, que fará descobrir a presença ativa de Deus na própria existência pessoal e na história real da humanidade<sup>161</sup>.

Esse nível de integração entre a doutrina e a experiência de vida além de fundamentar a escolha dos conteúdos e das formas de transmissão da fé cristã, tem por consequência uma visão do catecumenato em que o agir do catequista, a relação da comunidade com os neófitos e a própria consciência desse que se iniciava em uma nova experiência de fé-vida<sup>162</sup>, assumem a integração imprescindível entre a dinâmica da Revelação e a experiência pessoal.

De que maneira podemos perceber o quanto essa relação de integração estava na base da trajetória da comunidade cristã?

1. Com relação ao catequista, por se reconhecer enquanto mestre e testemunha da fé que anuncia e por se compreender também em processo de aprofundamento na dinâmica da Revelação, como alguém que ensina e que aprende. Esta concepção concorre para uma postura responsável diante do grupo de iniciantes, que se concretiza na

---

<sup>161</sup> Cf. PAIVA, H., op. cit., p. 17.

<sup>162</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., 18-19.

transmissão da fé, no testemunho pessoal, na metodologia dialógica e no acompanhamento do processo de seu grupo de neófitos<sup>163</sup>.

2. Com relação à comunidade, porque esse nível de integração entre rito e vida era vivido em continuidade à experiência dos primeiros discípulos e à evangelização apostólica. O catecumenato possui valor indiscutível enquanto acolhimento dos novos fiéis já agraciados pela iniciativa divina e sinais de vida nova para a comunidade. A comunidade também se sente responsável, testemunha e participante do processo de iniciação na vida cristã<sup>164</sup>.
3. Com relação aos neófitos, porque a integração é tão concreta e corrente na experiência catequética que vai configurando uma fé que não prescinde do cotidiano, da história pessoal e da prática coerente e testemunhal. Ao contrário, a preparação para o sacramento está em função da vida no seguimento de Jesus<sup>165</sup>.

Deste modo, percebemos que a dimensão existencial da vida cristã está no centro da ação evangelizadora, é eixo referencial do catecumenato e não um simples objetivo a ser alcançado na vida prática de cada neófito. Toda a estrutura catecumenal vai procurar responder a esta referência fundamental: a seleção dos conteúdos, a forma de linguagem, os exemplos práticos, as orientações para a vida moral e o acompanhamento dos neófitos na sua especificidade.

O próprio termo “discípulo” já traz em si a dimensão existencial presente no catecumenato primitivo. Em latim deriva-se do verbo “*discere*” que significa “aprender”. O termo técnico “*mathetés*”, usado para indicar o discípulo de Cristo, e que está presente 264 vezes nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, também significa aprender. Ser discípulo é ser aprendiz de Cristo, é seguir a Cristo em tudo, seu estilo de vida, carregar sua cruz e ter disponibilidade para servir<sup>166</sup>.

Clemente de Alexandria, em seu *Paedagogus*, confronta cada detalhe concreto da vida diária com a mensagem evangélica. Nas Catequeses

<sup>163</sup> Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La iniciación cristiana*, n. 44, disponível em: <http://www.conferenciaepiscopal.es/documentos>, acesso em 4 set. 2002.

<sup>164</sup> Cf. SANTANA, L. F., *Batizados no Espírito*, op. cit., p. 23.

<sup>165</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 19.

<sup>166</sup> Cf. BERNOUILLI, M., Discípulo, in ALLMEN, J., (dir.), *Vocabulário Bíblico*, São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1972, pp. 107-108; Cf. VAN DEN BORN, A., Discípulo, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis: Vozes, 1977, p. 403.



Mistagógicas de São Cirilo essa dimensão permeia desde o estilo simples e familiar de seus discursos e a clareza de linguagem, como as orientações e exortações presentes em cada uma das catequeses pronunciadas em diferentes etapas do catecumenato. Vejamos dois trechos em diferentes momentos das Catequeses Mistagógicas. O primeiro principia a catequese mistagógica pronunciada para os que receberão o sacramento do Batismo, e o segundo trecho, é conclusivo da catequese mistagógica dirigida aos que receberam o sacramento do Crisma.

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso<sup>167</sup>.

Assim, pois, ungidos com este santo crisma, guardai-o sem mancha e irrepreensível em vós, progredindo em boas obras e tornando-vos agradáveis ao autor de nossa salvação, Cristo Jesus, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém<sup>168</sup>.

Descobrir a presença ativa de Deus na existência pessoal e na história real da humanidade é condição para a dinâmica da fé e a experiência da Igreja dos séculos III e IV tinha esse dado teológico bem claro e transparente na sua ação evangelizadora. Ao se preocuparem com as condições de vida do neófito e com suas motivações, os Padres da Igreja e os agentes de evangelização, estão convencidos de que não podem ignorar as interpelações presentes no contexto em que se situam, assim como o anúncio e a interpretação da Palavra de Deus na sua dinamicidade e atualidade no Espírito vivo na história, na experiência pessoal e na vida comunitária.

Neste sentido, a mistagogia revela uma pedagogia da relação, da comunicação, da experiência pessoal e comunitária. O discernimento pessoal, pastoral e comunitário torna-se elemento fundamental no processo de abertura e de aprofundamento da fé cristã. A ação evangelizadora é também ação de testemunho vivo e de acompanhamento terno e fundado na pedagogia de Deus. A atenção à importância da dimensão existencial nesse processo gera nos iniciantes uma fé viva e dinâmica, marcada pelo discernimento no Espírito e por atitudes de

---

<sup>167</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-iluminados, n. 1, op. cit., p. 20.

compromisso, de testemunho e de libertação dos elementos que impedem a configuração do cristão em Cristo, Senhor e Mestre<sup>169</sup>.

### 3.2.3.3

#### O acompanhamento

Tendo considerado a característica presente na experiência mistagógica, em que o papel do agente de evangelização deve ser o de pedagogo do Mistério, de mistagogo, vejamos como os Padres da Igreja recuperam, na ação evangelizadora, a dinâmica pedagógica da Revelação e do próprio Jesus<sup>170</sup>.

A tarefa da iniciação consiste em introduzir o neófito no seguimento de Jesus, não apenas pela instrução na doutrina, mas em uma abertura existencial, prática e afetiva. Nas palavras de F. Taborda, “a tarefa da iniciação é ‘encarilhar’ o neófito pela pessoa mesma de Jesus, para que se imbua de seu Espírito”<sup>171</sup>. O termo “mistagogo” sugere essa tarefa da Igreja, de ontem e de hoje, de conduzir pela mão o catecúmeno, para que descubra sua forma pessoal de seguir ao Senhor. E essa iniciação, esse acompanhamento mistagógico, ocorre não apenas no campo dos encontros específicos do catecumenato, mas tem caráter essencialmente comunitário, se dá na Igreja e como Igreja<sup>172</sup>.

No catecumenato primitivo o neófito era acompanhado por toda a comunidade, mas especialmente por um “padrinho” da fé, com quem estabelecia uma relação mais íntima e familiar, aprofundando o conhecimento pessoal e refletindo sua caminhada na nova fé<sup>173</sup>.

O sentido do acompanhamento espiritual não era de dependência, mas o de criar uma disposição para oferecer ao outro o espaço necessário para que fizesse sua escolha na liberdade<sup>174</sup>. Com palavras de São Paulo, caberia àquele que acompanha ser “*diácono do Espírito*” (2Cor 3,8), teógrafo e mistagogo, pois

<sup>168</sup> Id., Terceira Catequese Mistagógica sobre a Crisma, n. 7, op. cit., p. 31.

<sup>169</sup> Cf. SAEZ, J. L., *Catecumenado e inspiracion catecumenal*, disponível em: <http://www.mistagogia.com/newpage35.htm>, acesso em: 16 set. 2002.

<sup>170</sup> Cf. FEDERICI, T., op. cit., pp. 19-20.

<sup>171</sup> TABORDA, F., op. cit., p. 14.

<sup>172</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 116.

<sup>173</sup> Cf. BUNGE, G., *La paternità spirituale*, Magnano: Edizione Qiquaion, 1991, disponível em: <http://www.mclink.it/personal>, acesso em: 18 out. 2002.

<sup>174</sup> Ibid..

aquele que conduz e orienta a pessoa para o Mistério é o próprio Deus<sup>175</sup>. Imbuído dessa perspectiva mística, a postura do catequista pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha, alguém que orienta e auxilia o neófito a encontrar os sinais da presença de Deus na sua experiência vital.

O processo de conhecimento da Palavra de Deus e da doutrina apostólica, bem como a vivência sacramental e comunitária, auxiliavam pedagogicamente o iniciado que, pouco a pouco, também poderia fazer seu próprio discernimento quanto à fé cristã. Esta estrutura de acompanhamento na formação da fé cristã respeita o ritmo pessoal e, estando atenta ao processo de compreensão, adesão e conversão, repropõe os conteúdos fundamentais com novos métodos, em vista de uma real assimilação da parte do neófito<sup>176</sup>. Nesse processo oportuniza-se a passagem da fé recebida para a fé decidida. Assim procedendo, é a experiência de interiorização e de amadurecimento que define a aceitação comprometida da fé<sup>177</sup>.

É, portanto, um processo de acompanhamento que acolhe o neófito na sua particularidade e alteridade, entra em diálogo com ele, para aí então, aprofundar uma experiência de fé, de confiança, de entrega, respeitando o processo pessoal.

Esse acompanhamento mistagógico tornava-se elemento decisivo na avaliação da maturidade de cada iniciante. Assim sendo, o catecumenato não estava fixado em um tempo cronológico, mas respeitava o tempo pessoal que cada pessoa necessitava para abrir-se ao Mistério divino e trilhar caminhos de coerência e aprofundamento deste na própria vida.

Não podemos esquecer do contexto das heresias e de conflitos com o Cristianismo, como uma nova experiência de fé que trazia consigo mudanças na concepção de Deus e da religião, e que levava alguns fiéis até mesmo ao abandono da religião. Nesse sentido, o acompanhamento mistagógico, além dos objetivos já apresentados, indicava também responsabilidade e prudência no acolhimento e preparação de novos fiéis a fim de estarem amadurecidos no processo de conversão e de participação nesta comunidade de fé.

---

<sup>175</sup> Com o termo “teografia”, Ulpiano Vasquez indica as marcas de Deus no coração e na vida humana, como um texto que Deus escreve em nossas vidas. Aquele que acompanha a fé, deve ser alguém que auxilia a pessoa a reconhecer a teografia e a mistagogia que revelam a presença e a orientação de Deus na própria vida. Cf. VASQUEZ, U. M., *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 11.

<sup>176</sup> Ibid.

<sup>177</sup> Cf. LIBANIO, J. B., *Eu creio, nós cremos*, op. cit., p. 58.

### 3.2.3.4

#### A experiência comunitária

Até aqui temos visto que o testemunho do catecumenato primitivo assume como tarefa urgente e imediata da comunidade cristã a preparação dos iniciantes na fé, tanto através da formação doutrinal como da formação litúrgica, existencial e do acompanhamento pelos catequistas<sup>178</sup>. A iniciação é um fato compreendido como missão da comunidade, como tarefa de evangelização, de testemunho e conversão assumida pela comunidade cristã<sup>179</sup>. Pede-se sua participação ativa: acolher os catecúmenos, participar nas celebrações, dar testemunho, renovar com eles as promessas batismais, fazer comunidade com eles.

Em graus diversos e nos mais diferentes locais, a unânime tradição dos antigos escritores cristãos testemunha uma espiritualidade que brotava dos ritos de Iniciação Cristã e que maturava gradativamente no seio da comunidade cristã. Com isso desejamos mostrar que a celebração litúrgica dos Sacramentos da Iniciação Cristã, meta a que visava o catecumenato, converte-se, segundo os Padres, em lugar privilegiado para uma experiência de Deus e de seu Espírito<sup>180</sup>.

Inicialmente, os convertidos eram batizados (At 2,38-40) e seguiam a mistagogia apostólica (2, 41-47). Formava-se a comunidade nova, assídua ao ensinamento dos apóstolos, à fração do pão, à vida de oração. Assídua também à celebração no templo, à vida nova, ao louvor a Deus, à vida comunitária e ao anúncio e testemunho da fé no seu contexto.

Nos séculos III e IV, esse processo já havia sido reformulado e estruturado nas formas de catecumenato anteriormente apresentadas. É um tempo onde a comunidade cristã tem a consciência histórica de sua unidade, de sua comunhão, povo de batizados, comunidade que se reúne para encontrar-se com o Senhor Ressuscitado. É a comunidade que celebra, escuta e acolhe a Palavra. Na realidade, os mesmos neófitos, atenção primeira da mistagogia imediatamente após a iniciação sacramental, acolhem a mistagogia permanente da comunidade da qual passam a formar parte<sup>181</sup>. L. F. Santana confirma esta inserção na

<sup>178</sup> Cf. SANTANA, L. F., *Batizados no Espírito*, op. cit., p. 14.

<sup>179</sup> Cf. FEDERICI, T., op. cit., pp. 11-12.

<sup>180</sup> SANTANA, L. F., loc. cit..

<sup>181</sup> Cf. FEDERICI, T., op. cit., p. 18.

comunidade eclesial ao trabalhar a dimensão litúrgico-eclesial presente no testemunho do catecumenato nos Padres da Igreja.

Esta experiência comunitária deriva da realidade batismal: cada fiel, por força do Batismo, é incorporado aos demais membros, onde todos são chamados a formar uma comunhão de fé, de culto e de vida, aos moldes da proposta da comunidade dos primeiros cristãos (...). Uma vez admitidos, na presença de todos os fiéis, a comunidade inteira os acompanhava ao longo do itinerário catecumenal, até o Batismo, sustentando-os com testemunho, jejuns e orações. Os catecúmenos podiam contemplar o forte testemunho do ideal de vida cristã refletido nos irmãos de fé e anteviam o que os esperava também<sup>182</sup>.

A catequese mistagógica tem claro o caráter processual da evangelização e, na sua dinâmica pedagógica procura contemplar todas as etapas para o conhecimento e aprofundamento da fé em Jesus Cristo: leitura e meditação do Evangelho, vida em comunidade, experiência de amor agápico e partilha, participação nas celebrações sacramentais, preparação para o testemunho e a missão. Sempre acompanhadas com carinho fraternal pela comunidade<sup>183</sup>.

A comunidade se torna um espaço hermenêutico vital onde cada pessoa, com seu contexto pessoal, social e histórico, se insere na trajetória viva daqueles que receberam, viveram e transmitiram a fé apostólica. Portanto, o caráter comunitário não é ocasional, mas exigência intrínseca à dinâmica salvífica. Na comunidade, a dinâmica da Revelação é vivenciada em sua dupla dimensão, de proposta e de resposta. A comunidade de fé é proposta do Deus trinitário, que se revela incessantemente e dialoga com as respostas pessoais e grupais, que retornam à comunidade, em um processo dinâmico de revisão e de atualização da fé.

Crer na Igreja significa também crer em Igreja, sendo uma comunidade eclesial, no seu interior, como membro dela. A pessoa que crê não está sozinha. Essa situação comunitária responde, ao mesmo tempo, à condição humana de ser comunitário e à vontade de Jesus<sup>184</sup>.

Os Padres da Igreja têm claro que a evangelização é mediadora da pedagogia divina, que adquire sua culminância no encontro com Jesus Cristo e atravessa a prática missionária apostólica e da Igreja nascente. Além disso, vivem

<sup>182</sup> SANTANA, L. F., op. cit., p. 23.

<sup>183</sup> Cf. MISTRORIGO, A., op. cit., pp. 1104-1105.

<sup>184</sup> LIBANIO, J.B., *Eu creio, nós cremos*, op.cit., p. 253.

em um contexto de conflitos doutrinários e em contacto próximo e fecundo com as comunidades crentes, principalmente na experiência litúrgica e espiritual. Portanto, a certeza da centralidade da experiência comunitária na formação catecumenal torna-se indubitável e fundamental no acolhimento e preparação de novos fiéis. Enfim, a experiência comunitária é parte da dimensão mistagógica da evangelização, é fonte de ensinamento, de comunhão, de celebração e de oração.

### 3.2.3.5

#### A mistagogia como processo

As características do catecumenato primitivo acima apresentadas – a especificidade dos grupos, a dinâmica existencial, o acompanhamento e a experiência comunitária -, já nos apontam o elemento processual presente na orientação mistagógica. Longe de ser considerado como um momento de conversão da vida do neófito, os Padres da Igreja dos séculos III e IV, percebem no catecumenato a dinâmica da Revelação de Deus ao seu povo, enquanto abertura ao dom de Deus que se oferece ao iniciante através do acolhimento do anúncio querigmático e que prossegue por uma trajetória de formação, discernimento, aprofundamento e conformação processual da própria vida e da vida comunitária ao projeto divino. Podemos ilustrar essa orientação de base com o pensamento de J. Daniélou: “Nada mais alheio ao espírito do Cristianismo primitivo que uma concepção mágica da ação sacramental. A conversão sincera e total é condição indispensável para a recepção do sacramento”<sup>185</sup>.

Sendo assim, esta perspectiva orienta o agir do evangelizador diante dos grupos de iniciantes, numa atitude de atenção e respeito à originalidade de cada

---

<sup>185</sup> DANIÉLOU, J. op. cit., p. 48.

pessoa, à sua maneira de compreensão dos fatos da fé, à seleção de textos bíblicos e adequação da linguagem que favoreça a formação, à utilização de exemplos de vida na orientação da vida moral e cotidiana dos cristãos e de seu testemunho no mundo. Além desse zelo, fruto da atenção à realidade de cada neófito e do acompanhamento mistagógico, nos deparamos com a consequência principal desta postura, que consiste na percepção da fé enquanto dinâmica dialogal e enquanto processo pessoal e histórico.

Agostinho se mostra atento à dimensão processual do catecumenato ao orientar os catequistas.

E apesar de que a mesma caridade se deve a todos, a todos não se aplica o mesmo remédio: assim também, a mesma caridade gera a uns, torna-se fraca em relação a outros, procura edificar a uns, teme ferir a outros; inclina-se diante de uns, ergue-se diante de outros; com uns carinhosa, com outros severa, de nenhum inimiga, de todos é mãe. E aquele que não tem experiência dessa caridade, ao ver-nos, julga-nos felizes porque se alegra o pouco talento que nos foi dado em tornar-se conhecido com louvores pela boca da multidão <sup>186</sup>.

No capítulo primeiro desse trabalho trouxemos alguns elementos da Revelação, sublinhando a sua dimensão dialógica entre Deus e o homem. Diálogo esse que respeita a alteridade radical, que não se impõe como inevitável, mas que se revela progressivamente, processualmente, respeitando os mais diversos estágios de compreensão humana na experiência de fé. Nessa dinâmica de conhecimento do rosto divino e de seu projeto, a pessoa vai aprofundando, passo a passo, pequenas questões e buscando respostas na experiência. Orientado pelo Espírito, refaz o caminho e avança progressivamente, tornando-se cada vez mais próxima da Revelação.

Como consequência desta fundamentação teológica, a experiência mistagógica vivida no catecumenato ocupa-se em ser mediadora desta dinâmica. O cuidado com a adequação da linguagem e com a escolha dos conteúdos é um dos fatores fundamentais para que se viabilize a comunicação dos dados da fé cristã. Para que essa comunicação seja possível é preciso que a pessoa decodifique a mensagem. Essa preocupação se desdobra na seleção de métodos e de novas linguagens que auxiliem a comunicação, além da verbal, como a

---

<sup>186</sup> SANTO AGOSTINHO, cap. XV, op. cit., p. 67.

gestual, corporal e a simbólica, contempladas na dimensão litúrgica e celebrativa da catequese mistagógica.

O segundo ponto importante que corrobora para o respeito ao processo na mistagogia é o conhecimento de que a mensagem comunicada provoca mudanças na pessoa, transforma o seu ser e o seu agir. Em outras palavras, é uma experiência de fé que se reflete na própria vida transformando a existência e a conduta pessoal. Para Agostinho, a vida de fé transparece na vivência da caridade, que deve iniciar pelo testemunho do próprio catequista.

Em tudo, sem dúvida, não somente devemos observar o fim do preceito – a caridade, nascida de um coração puro, de uma consciência reta e de uma fé sincera – para que se reflita em tudo o que dizemos: deve também enternecer-se e voltar-se para ele o olhar daquele que instruímos pela palavra<sup>187</sup>.

O catecumenato primitivo não compreende, pois, a Revelação e a fé como dois momentos distintos, mas como inter-relacionados, um como parte integrante do outro. A fé não chega depois de algo ter sido revelado, mas é parte ativa, indispensável, constitutiva da própria Revelação<sup>188</sup>. Além disto, a mensagem “ouvida” e compreendida, começa a predispor o ser humano a uma mudança nas suas atitudes, no seu ser e pensar frente às mais diversas situações, de acordo com as novas referências que vão configurando sua vida.

A mistagogia é, portanto, um caminho de integração progressiva dos neófitos na fé e na comunidade cristã<sup>189</sup>. É abertura para o diálogo do iniciante com toda a História da Salvação, com o encontro com Jesus Cristo e com a experiência das primeiras comunidades. É meio de conhecimento do processo pedagógico da Revelação e de amor e respeito pela Tradição. É diálogo constante, sensível e fecundante de novas respostas e possibilidades.

A estrutura em etapas é um dos indicadores desta percepção, assim também a apresentação processual da História da Salvação contando com sua gama de abordagens, seja teológica, tipológica, moral e místico-sacramental<sup>190</sup>. No cerne dessas orientações catequéticas encontra-se, enfim, a vida cristã experimentada como um caminho, no qual somos iniciados por Deus, que é

<sup>187</sup> Id., cap. III, op. cit., p. 39.

<sup>188</sup> Cf. BENOIT, A., *A atualidade dos Pais da Igreja*, São Paulo: Aste, 1966, p. 64.

<sup>189</sup> Cf. SOBRERO, J., Catequesis Mistagógica: un modelo del siglo V para hoy, in PHASE 195, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, 1993, p. 186.



Mistério<sup>191</sup>. É oportuno trazermos um trecho das Catequeses de Cirilo aos neófitos onde confirma a vida nova que se inicia para quem acolhe a mensagem salvífica.

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado<sup>192</sup>.

A dimensão de iniciação e de processo pedagógico tem por finalidade introduzir a pessoa na experiência, de modo que ela possa encontrar sua própria identificação e seu ritmo de desempenho. O tempo do catecumenato é proposto na sua estrutura, mas não se torna inflexível ou determinado cronologicamente, mas resultado do itinerário de fé e do caminho pessoal e comunitário que se estabelece desde o desejo da iniciação e se prolonga por toda a vida do cristão.

Como podemos verificar através dos princípios teológicos e dos princípios pedagógicos que fundamentam e permeiam a prática catecumenal mistagógica, esta nos coloca diante de uma integração fecunda entre fé e vida, que se dá concretamente, ao integrar a Revelação e a dimensão antropológica, a espiritualidade e a ética e, finalmente, a pessoa do neófito e a comunidade de fé.

Vejamos com maior atenção como esses diversos níveis de integração são oportunizados nesta experiência de evangelização.

### 3.3

#### **A catequese mistagógica e seus níveis de integração**

Neste trabalho estamos apresentando a catequese mistagógica como paradigmática para a evangelização de todos os tempos. Sua fundamentação elimina toda dicotomia entre a preparação intelectual e a existencial<sup>193</sup>. Além disso, em seus desdobramentos práticos, a orientação mistagógica vai revelando seu enraizamento teológico e pastoral-pedagógico, e trabalhando a experiência religiosa cristã de forma dinâmica e vivencial.

---

<sup>190</sup> Ibid.

<sup>191</sup> VASQUEZ, U. M., op. cit., p. 7.

<sup>192</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-iluminados, n. 3, op. cit., p. 21.

<sup>193</sup> LOPES, J., La pedagogía del ritual de ordenes en la iniciación de los candidatos, in PHASE 139, *Revista bimestral de Pastoral Litúrgica*, Barcelona: CPL, 1984, p. 38.

O catecumenato primitivo compreende a iniciação cristã como uma introdução não apenas doutrinal, embora também o seja, porque é preciso conhecer a fé que se aceita – mas, principalmente e essencialmente vivencial, já que introduzir-se na fé é iniciar-se no modo de viver segundo o Espírito de Cristo, no modo de viver o seguimento de Jesus hoje e aqui, no modo de viver Igreja – porque se trata de fé viva, vivida e comunitária<sup>194</sup>.

Nessa perspectiva, a evangelização vai delineando o conhecimento e a realização humana, não apenas no campo intelectual, na introdução e na descoberta do Mistério, mas, enquanto conhecimento proveniente na abertura da própria vida à experiência do Mistério. A catequese mistagógica possibilita uma integração progressiva nesta dinâmica e se realiza, em última instância, no encontro consigo mesmo e com o outro, concretizando-se em atitudes de respeito, igualdade, amor. “É o conhecimento que se abre ao mistério do outro e se lança para dentro dele”<sup>195</sup>.

A consciência da relação batismo-vida expressou-se já pelo séc. II, quando da criação do catecumenato como parte integrante do processo batismal. Exercitando-se no agir cristão, o candidato experimenta que sua adesão à fé batismal inclui a vida segundo o Espírito Santo. Quando, pois, se submete ao banho batismal, professando a fé trinitária, sabe que caberá viver no dia a dia aquilo que professa. E já aprendeu a vivê-lo<sup>196</sup>.

Esta perspectiva se estendeu para a compreensão da iniciação à fé como um todo, desde o acolhimento ao anúncio querigmático, passando pelo catecumenato em suas diversas etapas, se estendendo pela experiência comunitária e, finalmente, por toda a vida do cristão, sempre neófito, sempre em processo de abertura à Revelação. Dessa forma, a iniciação sacramental está a serviço do caminho mistagógico, presente por toda a vida cristã.

(...) desencadeia vida nova, patenteia que ela é graça, proclama-a como tal, explicita-lhe o sentido, aprofunda o caráter de iniciativa divina característico à vida cristã e sela a aliança entre Deus e o ser humano, visibilizando simbolicamente o dom da graça, a adesão solene da pessoa agraciada e a alegria da comunidade enriquecida pela vivência de seus membros<sup>197</sup>.

---

<sup>194</sup> TABORDA, F., op. cit., p. 176.

<sup>195</sup> Ibid., p. 110.

<sup>196</sup> Ibid., p. 19.

<sup>197</sup> Ibid.

Esta profunda integração entre fé e vida pode ser compreendida em alguns níveis que procuraremos explicitar aqui apenas para efeito de sistematização, já que, enquanto parceria, permeiam toda a estrutura teológica e pedagógico-pastoral do catecumenato: a integração entre Revelação e antropologia; a integração entre espiritualidade e ética e a integração entre pessoa e comunidade de fé.

### 3.3.1

#### **Revelação e antropologia**

A integração entre Revelação e antropologia se torna prioritária no processo de evangelização porque respeita a dinâmica da Revelação de Deus aos homens e mulheres de todos os tempos. Na lógica da Revelação esta é a dinâmica - proposta divina e resposta humana -, “a Palavra de Deus antecede, como proposta, a resposta da fé”<sup>198</sup>. Esta acontece na realidade daquele que crê, realidade pautada por todas as condições de sua existência, tanto pessoais como históricas.

Seguindo as pegadas dos Padres dos séculos III e IV, observamos que esta integração era o fundamento de toda a sua orientação e prática catecumenal. O conceito de iniciação assim compreendido, “permite superar um intelectualismo muito comum na percepção da fé, pois a iniciação não é só uma informação sobre determinadas verdades ou costumes, mas assimilação pessoal da verdade e introdução em uma prática”<sup>199</sup>.

Um discurso sobre Deus que não se reflita na antropologia seria a negação do Deus revelado em Jesus Cristo, um Deus para os homens, próximo, feito história, um Deus trinitário e encarnado. Seria um discurso vazio de sentido cristão, marcado por uma antropologia de separação ou desprezo das realidades criadas. O catecumenato primitivo, ao contrário, assume de tal forma esta integração que, desde o acolhimento do iniciante e por todo o seu processo de formação e inserção eclesial, se configura com a atenção à resposta de fé ao Deus compreendido como pedagogo, como parceiro, como orientador, como princípio e fim da experiência de fé<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., 2000, p. 11.

<sup>199</sup> TABORDA, F., op. cit., p. 39.

<sup>200</sup> Cf. PADOVESE, L., op. cit., p. 124.

Esse nível de integração também acentua o caráter processual na dinâmica da fé. Esta não é atingida pelo conhecimento apenas intelectual, mais ainda, ela não é atingida de uma vez por todas, de um dia para outro. Há um caminho a ser percorrido, um processo de amadurecimento para que a pessoa se abra ao projeto que lhe é oferecido por Deus e se deixe penetrar por ele, e nele configurar a vida, à medida em que se vive.

Agostinho sinaliza esta integração entre a questão da pessoa humana e o anúncio da Revelação em suas orientações para a catequese.

Muitas vezes mostra-se nitidamente a misericórdia de Deus através do ministério do catequista, e o novato, levado pela palavra, deseja realmente ser o que decidira; quando ele começa a querer, podemos considerá-lo como tendo chegado. De fato, não sabemos em que momento vem com o espírito aquele cujo corpo já vimos presente. Devemos agir de maneira que se desenvolva nele, se não o tem, o desejo do cristianismo. E ainda que ignoremos em que tempo, em que momento começará a mudar, nada se perderá se já tiver esse desejo, pois nossa obra o tornará mais firme<sup>201</sup>.

Uma das características presentes no catecumenato primitivo que subsidia essa dinâmica é a teologia narrativa. Através da memória e da narração, apresenta a Revelação enquanto processo, enquanto experiência dialógica entre Deus e seu povo, entre Jesus Cristo e os discípulos, entre os apóstolos e seus ouvintes e novos adeptos. Não impõe, mas propõe; não submete, mas anuncia o caminho; não pressupõe conversão imediata, mas respeita as condições para a resposta pessoal; não se atém ao discurso doutrinário, mas acompanha e orienta as escolhas pessoais em direção à vida nova que lhe é anunciada.

A teologia narrativa é mistagógica, pois aponta para o caminho, para o movimento do êxodo do coração, da entrega processual de si ao projeto de Deus. Como consequência, também a profissão de fé se transforma em coerência de vida, em acolhimento expresso e reflexo do mundo que é Criação dinâmica e permanente na natureza, na história, nas relações humanas.

Esse nível de integração acolhe o caráter dialógico da Revelação que não se impõe à liberdade humana. É ação evangelizadora que se reconhece como mediadora da relação entre Deus e a pessoa humana, que respeita o lugar imprescindível da experiência humana como condição de compreensão da

---

<sup>201</sup> SANTO AGOSTINHO, cap. V, op. cit., p. 45.

Revelação<sup>202</sup>. “Deus não pode ocupar o lugar do ser humano. Não é Deus quem crê pelo e no lugar do homem, mas sim é o homem quem declara ou nega a Jesus Cristo (Lc 12,8s), ainda que naturalmente dependa da graça de Deus para acolhê-lo (1Cor 12,5)<sup>203</sup>.

A mistagogia, em sua orientação e em seus métodos, aponta para o primado da experiência, se deixa preencher pela pedagogia divina presente na Palavra de Deus, nos símbolos litúrgicos, na ação sacramental, na vida comunitária. Acolhe a legitimidade das experiências dos neófitos e da vida cristã que se renova no diálogo com o seu tempo e com a comunidade.

A experiência de fé é vivida como um convite a participar do projeto divino, a acompanhar o Povo de Deus, a ser parte do discipulado do Cristo Ressuscitado. “Longe de ser vivida como imposição voluntarista, é encarnada no movimento mais co-natural à pessoa; longe de ser apenas um vago sentimento afetivo, se concretiza em conformidade da própria vontade com a vontade divina”<sup>204</sup>.

Enfim, a integração entre Revelação e antropologia que fundamenta essa experiência catecumenal, respeita o fundamento originário da pessoa humana, voltada para a absoluta comunicação de Salvação, que só lhe vem de Deus, como elucidada K. Rahner<sup>205</sup>. Tornando-se mediadora desta comunicação transcendental, a ação evangelizadora mantém a sensibilidade aberta ao Espírito que conjuga o anúncio da Palavra, os caminhos do Magistério e da Tradição, os sinais do encontro com Deus na pessoa humana e na vida comunitária e sacramental.

### 3.3.2

#### **Espiritualidade e ética**

A experiência mistagógica é, como já vimos na etimologia do termo, uma orientação que conduz para dentro do Mistério, um caminho a ser percorrido que integra a mística com a vida de cada pessoa. A mistagogia percebe a pessoa humana em fundamental unidade que a refere ao Mistério, que orienta seu

<sup>202</sup> Cf. GELABERT, M., op. cit., p. 18.

<sup>203</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., 2000, p. 151.

<sup>204</sup> Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 57.

caminhar “rumo à riqueza inexaurível da Presença oculta”<sup>206</sup>. Essa orientação de fundo abre a ação evangelizadora para a percepção dos sinais e dos apelos divinos que convidam, estimulam e aguardam a trajetória de cada pessoa. É uma orientação que se coloca como mediadora da iniciativa de Deus e que abre para a espiritualidade mais profunda presente na realidade de todas as coisas.

É dessa perspectiva brota um catecumenato assinalado pela espiritualidade que testemunha e orienta mistagógicamente um caminhar no seguimento de Jesus Cristo. A mistagogia cristã bebe das fontes da espiritualidade: Palavra de Deus, sacramentos, exercícios espirituais, comunidade orante. É uma espiritualidade com sabor existencial, que possibilita às pessoas uma verdadeira experiência de Jesus e do Deus Trino<sup>207</sup>.

Contudo, o que desejamos demarcar nesta experiência evangelizadora é a integração entre fé e vida, especificamente, entre espiritualidade cristã e agir ético. Os Padres da Igreja viabilizam no catecumenato a conversão do coração, que se manifesta na adoção de uma forma de vida que reproduza a vida de Jesus em que Deus se revelou a nós. A concepção de que a vida cristã torna o homem novo, concebe a pessoa como uma “*criatura nova*” (cf. 2Cor 5,17) marca a estrutura espiritual do anúncio querigmático no período da Igreja nascente<sup>208</sup>. Perceber-se como “*nova criatura em Cristo*”, leva necessariamente a uma integração entre a espiritualidade e a sua forma de agir: um agir conforme a Revelação que toma contacto e que experimenta pessoalmente no encontro com o Mistério<sup>209</sup>.

“Para Cirilo de Jerusalém, o dom do Espírito confere ao fiel uma fé que o conduz à salvação; graças a ela podemos orar ao Espírito para que sejamos revestidos da força do alto e, assim, tudo se renova naquele que recebeu a vida nova do batismo”<sup>210</sup>. É neste sentido que, na experiência mistagógica, a Palavra de Deus e os sacramentos, são fonte e origem do agir cristão. Não são conhecimento ou ritual vazio de sentido, ou suportes adicionais à vida cristã, mas são fontes das quais brota o compromisso ético e a coerência com o projeto salvífico.

<sup>205</sup> Cf. RAHNER, K., *Curso Fundamental da Fé*, op. cit., pp. 47-59.

<sup>206</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., p. 94.

<sup>207</sup> Cf. MURAD, A. e MAÇANEIRO, M., op. cit., pp. 97-98.

<sup>208</sup> Cf. PADOVESE, L., op. cit., p. 137.

<sup>209</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 19, p. 39, pp. 45-46; Cf. PADOVESE, L., op. cit., pp. 121-122.

<sup>210</sup> SANTANA, L. F., op. cit., p. 41.

Como Cristo foi verdadeiramente crucificado e sepultado e ressuscitou, e vós, pelo batismo, fostes, por semelhança, tidos por dignos de com ele ser crucificados, sepultados e ressuscitados, assim também na unção do crisma. Ele foi ungido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo. Vós fostes ungidos com o óleo, feito partícipes e companheiros de Cristo<sup>211</sup>.

A experiência cristã não se realiza exclusivamente em expressões religiosas, nos momentos de oração pessoal e comunitária, nas celebrações sacramentais, separados da vida ou paralelos a ela. É uma experiência que se encarna em uma determinada forma de viver que reproduz a forma de viver que Jesus anuncia e instaura. E, como a forma essencial de vida de Jesus se resume em seu ser para os demais manifestado no amor e no serviço, a experiência cristã de Deus encontra sua manifestação mais autêntica nesse seguimento de Jesus, no amor, no serviço, na fraternidade<sup>212</sup>. “Jesus Cristo, sacramento de Deus, se prolonga assim no sacramento do irmão como lugar privilegiado para o encontro com ele e nele com Deus”<sup>213</sup>.

Desta fundamentação teológica, já presente no catecumenato primitivo, advém o zelo que está presente desde o momento da acolhida aos neófitos, na estrutura em etapas do catecumenato, assim como, na fase pós-batismal, em que a preparação do fiel está mais firmemente direcionada à mudança de vida e ao agir coerente com a mensagem cristã.

No início da instituição do catecumenato, a orientação para os neófitos era que abandonassem as profissões consideradas incompatíveis com os compromissos cristãos e, da parte dos catequistas, observassem a coerência e o testemunho de vida de cada catequizando<sup>214</sup>. Justino, em sua Apologia I, aborda a preparação dos neófitos para o batismo, dizendo, sobretudo, da importância que tem o ensino positivo sobre a fé e expondo as exigências morais da mensagem cristã. Denuncia os pecados, apresentando-os como um contra-senso na vida dos que foram purificados pelas águas do batismo<sup>215</sup>.

Nós, porém, depois de assim lavado (batismo), conduzimos o que creu e se agregou a nós, para junto dos que se chamam irmãos, onde eles estão reunidos, a

<sup>211</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, Terceira Catequese Mistagógica sobre a Crisma, n. 2, op. cit., p. 30.

<sup>212</sup> Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 84.

<sup>213</sup> Ibid.

<sup>214</sup> Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A., op. cit., p. 93.

<sup>215</sup> Cf. HIPÓLITO DE ROMA, op. cit., p. 74.

fim de elevarmos fervorosamente orações comuns por nós mesmos, por aquele que foi iluminado, e por todos os outros espalhados por toda parte, para que, tendo conhecido a verdade, sendo bons pela prática de boas obras e encontrados fiéis no cumprimento dos mandamentos, sejamos dignos de obter a salvação eterna<sup>216</sup>.

O catecumenato tem caráter de formação e de exercício no agir cristão, e nele cada neófito experimenta que sua adesão à fé batismal inclui a vida segundo o Espírito Santo<sup>217</sup>. Quando, pois, se submete ao banho batismal, professando a fé trinitária, sabe que caberá viver no dia a dia aquilo que professa, o que já vem experimentando em seu processo de formação. A experiência desse catecumenato comporta a síntese dessas duas dimensões inseparáveis no Cristianismo: a dimensão mística e a dimensão prática. A primeira, marcada pelo encontro pessoal, “graças ao Espírito de Deus em Jesus Cristo, caminho até o Pai, lugar e sacramento do encontro com ele”<sup>218</sup>. E a segunda, onde a prática vai na direção da “encarnação na própria vida das atitudes, sentimentos e comportamentos de Jesus Cristo”<sup>219</sup>.

Dentre as características presentes nesta experiência catecumenal que comportam essa integração entre espiritualidade e ética, verificamos a prioridade às celebrações e ao seu conteúdo bíblico e litúrgico. Na memória e celebração dos eventos salvíficos do Antigo e Novo Testamento, as narrativas apresentam o caráter dinâmico e contínuo da Revelação e da presença fiel de Deus junto ao seu povo. A fé é viva e vivida no concreto das situações históricas, como participação no plano salvífico, no mistério de Cristo. É a relação intrínseca com o mistério de Cristo que corrobora a práxis histórica no Senhor<sup>220</sup>.

A experiência mística do Cristianismo é a experiência de um Deus encarnado, de um Deus que age e trabalha no mundo. Na mistagogia, esse Deus experimentado em seu Mistério, se torna mola propulsora da práxis humana, que se revela no amor aos irmãos e irmãs. “Encontrar a Deus será, assim, encontrar ao mesmo tempo o mundo e os outros, e contemplar a Deus será sinônimo de fazer

<sup>216</sup> JUSTINO, *Apologia I*, 65, Textos catequético-litúrgicos de São Justino in HIPÓLITO DE ROMA, op. cit., p. 81

<sup>217</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 19.

<sup>218</sup> VELASCO, J. M., op. cit., p. 84.

<sup>219</sup> Ibid.

<sup>220</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., p. 20.



acontecer no meio da realidade, com todas as suas ambigüidades e problemas, o reino de Deus”<sup>221</sup>.

Na verdade, estamos diante da circularidade exigida pela reflexão teológica entre a vivência da fé e sua compreensão.

O primado de Deus e a graça da fé fundamentam a razão de ser do trabalho teológico. A partir daí podemos entender de modo que, se o cristão procura compreender a sua fé, é, afinal, em função da “imitação de Cristo”, que é idêntico a dizer-se: por sentir, pensar e agir como ele. Uma autêntica teologia é sempre uma teologia espiritual, tal com a entendiam os Santos Padres da Igreja. A vida de fé, portanto, não é só o ponto de partida; é também o ponto de chegada do trabalho teológico. Crer e compreender encontram-se numa relação circular<sup>222</sup>.

Os Padres da Igreja compreendiam o catecumenato sob a dinâmica da ação do Espírito Santo, fonte da experiência do Deus uno e trino no culto e na vida. O sentido de espiritualidade e de santidade é compreendido como uma santidade na qual opera efetivamente o Espírito Santo. “A santidade é, então, a explosão concreta do Espírito Santo na vida do homem”<sup>223</sup>.

Vejamos como esse processo de integração entre fé e vida aparece na relação dos fiéis com a comunidade de fé, sublinhando uma nova parceria fundamental, entre o pessoal e o comunitário.

### 3.3.3

#### **Pessoa e comunidade de fé**

A parceria entre cada cristão e a comunidade também é propiciada e ocasião de crescimento e de fecundidade da fé desde as primeiras comunidades e assumida pelo catecumenato primitivo.

O acolhimento dos neófitos supõe uma comunidade que esteja estruturada e se reconheça como apostólica e missionária. É desse testemunho que nasce a preocupação com a recepção e a formação de novos cristãos. Cada pessoa que deseja aderir à fé cristã é acolhida na alegria da celebração, mas principalmente

<sup>221</sup> BINGEMER, M.C.L., A alteridade e seus caminhos, in FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: Soter/Loyola, 1997, p. 116.

<sup>222</sup> FERRARO, B., Teologia em tempos de crise, in FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo: Soter/Loyola, 1997, p. 179, citando GUTIÉRREZ, G., Práxis de libertação e anúncio, in *Concillium* 96, 1974/6, p. 744.

<sup>223</sup> SANTANA, L. F., *Batizados no Espírito*, op. cit., p. 32.

porque é reconhecida como expressão da Revelação de Deus que antecede a resposta da fé.

Além do caráter de acolhida de mais um membro da comunidade, a dimensão social da iniciação nos remete à dimensão familiar, significa que quem era estranho se tornou familiar, como o expressa Ef 2,19-22:

*Assim, não sois mais estrangeiros nem imigrantes; sois concidadãos dos santos, sois da família de Deus fostes integrados na construção que tem como fundamento os apóstolos e os profetas, e o próprio Jesus Cristo como pedra mestra. É nele que toda a construção se ajusta e se eleva para formar um templo santo no Senhor. É nele que vós também sois, todos juntos, integrados na construção para vos tornardes morada de Deus pelo Espírito.*

Imbuída dessa perspectiva, a comunidade tem consciência de sua responsabilidade pela formação, pela transmissão da fé e de seus fundamentos, pela orientação espiritual e vivencial do iniciante. Assim sendo, o gesto da evangelização é assumido dentro de uma estrutura onde o catequista está à frente do processo mistagógico, porém tendo diante de si e no acompanhamento dos iniciantes, o olhar e o compromisso da comunidade de fé.

O agente de evangelização não adota uma postura isolada diante desse compromisso, não é princípio e fim no processo, e sim testemunha da tradição da fé eclesial, transmissor às novas gerações da memória da trajetória de um povo que experimenta o projeto de Deus. Ele é memória viva e responsável pela Palavra que anuncia e professa. É representante da comunidade que interpreta e vivencia a fé da Igreja.

Trazendo em si uma matriz de natureza eclesial, a experiência catequética deste período é marcada pela comunhão com o próprio Deus, pela continuidade ao testemunho apostólico e pelo vínculo com a comunidade cristã, sacramento dessa unidade com Deus<sup>224</sup>. Os Padres da Igreja assumem a missão de evangelizar como ministério a serviço do povo santo de Deus, como duplo serviço de transmitir os fundamentos da fé, expressando-os, ilustrando-os à luz da Palavra de Deus, e de torná-los compreensíveis e orientadores para as situações pessoais, comunitárias de cada tempo e lugar.

A iniciação catecumenal orienta, portanto, para os dois pólos constitutivos da pessoa humana: o pessoal e o social.

Atinge o indivíduo enquanto membro de uma comunidade e, desta forma, diz respeito à própria comunidade e a transforma. Também na vida cristã os dois aspectos, eclesial e pessoal, são inseparáveis. Ser cristão é ser Igreja. Ser cristão é ter sido e continuar a ser transformado pessoalmente pela ação do Espírito. Mais exatamente, a dimensão eclesial é mediação para a realização pessoal. Na Igreja e através dela, Deus opera, em cada membro da Igreja, a salvação<sup>225</sup>.

Sendo assim, dimensão comunitária e experiência de conversão caminham juntas, uma vez que, o encontro entre o neófito, a comunidade e o anúncio cristão, colocam a pessoa em contato com a novidade da Revelação, que transformam o seu pensar, falar e agir. Por outro lado, também a comunidade é renovada por essa dinâmica dialogal. Essa circularidade acentua o caráter de co-responsabilidade de toda a comunidade ao iniciar o novo cristão<sup>226</sup>. É a dimensão missionária, de anúncio da Boa Nova com palavras e com a própria vida. A comunidade testemunha e contagia, anima ao seguimento de Jesus Cristo<sup>227</sup>.

Esta integração entre a dimensão pessoal e comunitária aponta para a renovação da própria comunidade na acolhida de novos membros. A comunidade necessita estar bem firme na fé e na caridade, conhecer a Tradição e estar atenta à interpretação da Palavra diante de novas situações e desafios. Frente aos novos membros, além de transmitir, a comunidade acaba se confrontando com a própria identidade, é interpelada por uma nova pessoa com sua originalidade e novos desafios. Pessoa e comunidade entram em relação fecunda e de renovação mútua. Podemos dizer que a comunidade também, “ao iniciar novos membros, nesse mesmo ato é reiniciada em sua identidade, questionada em sua fidelidade, renovada por novas forças”<sup>228</sup>.

O catecumenato primitivo dá conta, portanto, do diálogo entre a pessoa e a comunidade, fundamental na aceitação da fé. Apesar de sabermos que a resposta da fé é ato livre, pessoal e intransferível, esta fé é comunitária, nasce na experiência comunitária e remete necessariamente a ela. “A fé tem uma referência comunicativa ao outro, só pode se realizar em abertura à fé pessoal dos outros, na comunidade de fé”<sup>229</sup>.

<sup>224</sup> Cf. SANTANA, L. F., op. cit., p. 22.

<sup>225</sup> TABORDA, F., op. cit., p. 31.

<sup>226</sup> Cf. FORTE, B., op. cit., p. 172.

<sup>227</sup> Cf. TABORDA, F., op. cit., pp. 39-40.

<sup>228</sup> Ibid., p. 209.

<sup>229</sup> Ibid., p. 213.

A perspectiva comunitária não pode ser isolada no contexto social, político e econômico em que vive e é interpelada. As primeiras comunidades cristãs assumiram o mandato missionário em franco diálogo com a realidade, principalmente frente à diversidade cultural que encontravam, como também diante das questões que se apresentaram à própria fundamentação teológica da fé cristã.

A Igreja dos séculos III e IV já tem diante de si uma série desses desafios muito bem elaborados e possui clareza de que a fé cristã não pode ser efetivamente vivenciada se não considerar os fatos no seu contexto. Esta teologia articulou sua reflexão em dois eixos fundamentais: a Sagrada Escritura e a Tradição de um lado, e, de outro, a pessoa humana, nas coordenadas socioeconômico-culturais em que se desenrola sua existência e com suas categorias de pensamento sobre si mesmo, a história e o mundo.

O caráter de integração entre o neófito e a comunidade também participa dessa ótica da dinâmica da fé e do seu caráter de encarnação, de vivência na história concreta. É nessa mesma perspectiva que a patrística confirma e dá continuidade à evangelização apostólica, buscando respostas aos desafios que a realidade lhe apresentava.

Ao final desta análise que procurou resgatar o processo do catecumenato primitivo, especialmente nos séculos III e IV, no que diz respeito à sua estruturação e fundamentos teológicos e pastorais-pedagógicos, buscaremos trazer os grandes referenciais da experiência mistagógica como fonte fecunda e renovadora para a atual ação evangelizadora.